



0

ALABAMA



1867

A

1868



I	8
6	20

I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

ALABAMA—ANNO 1.º—2 DE JULHO DE 1867.

SERIE 25.ª—N. 24.

Publica-se na typographia de Marques Affonso Igarapina, á rua do Collegio n. 14
1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1.º rs. por series de 10 numeros ou 5.º rs. por 6
series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações.
Folha avulsa 160

O ALABAMA. DA
PALLIA.

Dous de Julho.

Independencia ou morte...

I.

Era em 1821: já lá vão quarenta e seis annos.

Na historia de um povo, de antes livre, duas epochas de martyrio haviam sido escriptas com caracteres de sangue—1789 e 1817: dous heroes haviam galgado as columnas da immortalidade pelos degraus do cadafalso—Tiradentes e Padre Roma.

Era em 1821: no solo regado pelo cruor dos martyres germinava o embrião da liberdade; o filho das selvas gigantes anciava sob o joelho de Portugal.

As aguas do Amazonas arrastavam pezadas as ondas lagrimosas do luto da patria, e os echos do Prata suspiravam as lamentações dos captivos.

O povo era sem voz, os echos sem vida, os prados sem flores, os troncos sem folhas, os passaros sem harmonias, os homens sem liberdade.

Um povo era escravo de outro.

O escravo, fóra livre, o livre fóra nobre, o pobre fóra senhor, o senhor fóra um bravo, o bravo jazia jungido ao pelouriho da infamia.

O senhor era um tyranno, o tyranno era um algoz, o algoz era um sicario, o sicario era um estrangeiro, o estrangeiro era um hospede, o hospede era um traidor.

O traidor inventava supplicios, os supplicios rasgavam as arterias do povo, o sangue orvalhava o solo da Cruz, fecundava a semente da emancipação, despertava os brios adormecidos, esclarecia os espiritos, espaneava as trevas e fallava de Deus.

O enviado do Senhor fallára a Pharaó, e este fóra mudo.

E as nuvens agglomeraram-se nos altos dos montes e uma voz troou nas margens do Ypyranga—INDEPENDENCIA OU MORTE!

II.

Rios, prados, serras, bosques, florestas, montanhas, aldeias, villas e cidades—tudo quanto tinha um echo, em

toda parte onde havia um coração—
repetiu-se—*Independencia ou morte!*...

Em toda parte, aonde havia um
homem, ergueu-se um soldado, surgiu
um heroe, travou-se um combate, al-
cançou-se uma victoria.

Pirajá, Cabrito, Cachoeira, Itaparica,
fallai por mim a esses corações mirra-
dos, que já te esqueceram os heroismos!

Esqueletos, sombras dos bravos, le-
vantai-vos de vossas campas, despertai
de vosso somno glorioso e vinde bradar
a essas turbas ingratas—Filhos mal-
dicos, porque nos esquecestes?

Vinde e contemplai o quadro. . . .
mas não. Para que fallar-lhes na de-
generação das gerações, que elles sal-
varam do poder do estrangeiro? Seja
outra a minha missão: hoje è o dia
DOUS DE JULHO.

Hoje lembra-se uma gloria de hontem,
rende-se um culto ao passado e feixa-
se os olhos ao futuro, que è negro,
negro de morte.

Dous de Julho—digam os velhos
cheios de orgulho.

Dous de Julho—digam os moços
cheios de emulação.

Dous de Julho—digam as mães, as
irmãs, as esposas, as filhas cheias de
enthusiasmo pelas glorias da patria.

Dous de Julho—digam todos—povo,
soldados, antigos e modernos.

Digam que esse nome è um monu-
mento indestructivel, è uma pagina in-
delevel, è a recordação de um feito, que
todos nós ouvimos e aprendemos dos
heroes d'essa luta de gigantes.

Nós, que não sabemos imitar os ven-
cedores, saibamos ao menos respeitar-
lhes a memoria, conservar-lhes o culto
e invejar-lhes a immortalidade.

III.

A's armas! foi o grito repercutido
desde Pirajá até Rio Vermelho.

A's armas! foi a voz de dous exercitos,
grito unisono, que, remontando às re-
giões do vacuo, foi, repercutido de pla-
neta em planeta, de astro em astro,
reclamar aos pés de Deus a victoria
para a boa causa, para a justiça da
liberdade.

E a luta travou-se.

Foi bello de ver-se: os vencedores de
Aljubarrota, os senhores da India, Gui-
né e Costa, ergueram-se até a altura de
seu valor.

Um dos vencedores de Napoleão os
commandava.

Mas, a voz do canhão lusitano emmu-
dece ante o brado dos filhos das selvas.
Embalde Madeira anima-os ao comba-
te; embalde o tambor e o clarin pro-
curam despertar-lhes o enthusiasmo.
Não ha resistir.

A victoria foi dos brasileiros, e eis
que os oppressores, corridos de vergo-
nha, embarcam-se rapidos e vão pedir
ao mar protecção contra o alcance de
nossas armas. . . . Foi uma soberba
que desabou do alto de seu throno. Foi
uma humildade, que soergueu-ss até o
fastigio da gloria.

E o edificio da liberdade ergueu-se
foi mergulhar os capiteis nas nuvens.

IV.

Ja podeis, filhos das selvas,
Vossa fronte senhoril
Mergulhar no ceu de prata
D'esse imperio do Brasil!

Ja è livre a nossa patria,
Ja è livre o nosso lar,
Ja não temos mais senhores,
Que possam ordens nos dar.

Gloria aos authores d'essa obra!

Gloria aos veteranos intrepididos, que
deram o sangue por esse nome de livres,
que sóa tão bem nos labios dos povos,
que è a voz da consciencia desprezando
a força, que è a imagem do espirito, que
se contempla no espelho do infinito!

Livre? Quem não deseja ser livre,
porque riqueza trocar-se-lia esta sim-
ples palavra?

Nenhuma.

E nós, portanto, que somos livres;
nós, que somos pobres de dinheiro, não
devemos deixar morrer essa unica ri-
queza que possuímos; não devemos
deixar que a mercatejem os manequins
da politica do Rio de Janeiro!

Devemos nos lembrar, de que somos
nós que lutamos, o não o Rio; que fomos
nós que morremos, e não o Rio; que lo-

mos nós que dormimos ao sol e á chuva, e não o Rio; que foi nosso o sangue que correu, e não o do Rio; que somos brasileiros, enfim, mas não somos cariocas!

Povo, lembra-te d'isso. Filhos do Norte, nunca o esqueças.

E basta.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de julho de 1867.

Não houve expediente.

— No dia 29 do passado celebrou-se na capella do Asylo dos Expostos, ao Campo da Polvora, a missa anniversaria da installação do mesmo.

— Também assisti; foi um acto simples e tocante.

— Depois da missa seguiu-se a visita do estabelecimento por uma multidão de pessoas de todas as gerarchias.

— A musica dos menores tocava na festa de seus irmãos.

— Gostei de ver a ordem e acieio que reinava nos dormitorios, no refeitório, sala da exposição, casa de lavar roupa e mais commodos do estabelecimento.

— Eu e liquei arrebatado ao entrar na Casa dos Expostos; não pude conter uma lagrima de ternura, ao ver aquelles innocentes dominados por infantil prazer sentados fraternalmente a brincar.

— Bemdicta seja a charidade!

— Honra aquelles que a comprehendem verdadeiramente.

— Viu o Bando?

— Vi.

— Que tal?

— Pessimo Pouco ou nada de spirito.

— Eu ja esperava.

— O que achei mais interessante foi um mascara caracterizado em Voluntario da Patria, pedindo esmola, com um filhinho pela mão, e distribuindo estes versos:

« ESMOLA.

« Uma esmola ao voluntario,

« Que p'la patria combateu;

« Que esse governo sicario

« Não cumpriu o que prometteu!!

« — Malvado, como Prothcu,

« Eil-o sempre contra nós...

« Sangue de nossos avós

« Renega tal tyrannia.

« O' povo, quanta agonia

« Nessas infamias de algoz!

« Maldito seja o governo!

« Maldição a prepotencia,

« Que tyranna e sem clemencia

« A progenie despresou

« Do soldado, que na guerra

« Comprou triumphos co' a vida,

« Que na lucta decidida,

« A patria nunca manchou!»

— Só?

— A excepção disso e de uma allegoria ao *Banco da Bahia*, tudo mais era insulso e banal.

— Muitos mascarar?

— A cavallo poucos e estes dispersos.

— E' costume. Espalham-se para irem passar pelas portas das namoradas.

Desordens?

— De pouca monta. A mais notavel, que vi, foram umas cajadadas n'um preto do Sr. Argollo, por querer quebrar o *banco*.

— Assim mesmo não sei como este acabrunhado povo tem gosto para divertir-se.

— Que peça vae hoje á scena no theatro publico?

— Supponho que a *Diana de Rione*.

— Eim?!... E onde fica a segunda clausula do contracto, que diz que o empregario é obrigado a levar á scena no dia Dous de Julho um drama nacional historico ao dia, ainda não representado?

— Não se veixe. Veja a condição 11.ª

— O que tem ella?

— Diz que o empregario será multado em 200\$ rs., salvo si o presidente entender que deve dispensal-o. Ahi está a escapadella.

— Ora pepinos!... Ha cousas, que por decencia não se deve escrever, por que é só em descredito de quem as authorisa.

O contracto é até dezembro; não ha no anno mais que um mez de julho; era sabido que a empreza em tão curto es-

povo não satisfaria semelhante compromisso.

— Jásto.

— Então, para que estamparam no contracto tal patacoada?

— Fica para o outro anno.

— V. sabe o meio do mundo? Si o contracto finalisa a 2 de dezembro, como pode ter valor para o anno?

— E' verdade, foi um *estampatorio*.

— Mais uma embaçadella com que se costuma ludibriar este povo de basbaques.

— Isto é um mau presagio; em dous dias successivos as egrejas a darem signal de incendio!

— Andará algum *cabeça de fogo* por aqui?

— Eu sei lá!

— No theatro houve um alvoroço dos peccados, por occasião do toque de incendio na noite de 29.

— Não sei como propalou-se que o fogo era na caixa do theatro e o povo, querendo sahir de chofre, aterrorisado com a ideia de morrer assado, deu motivo a que houvessem empurrões, pisadellas, senhoras precipitadas pelas escadas, desmaiios, meninos machucados, etc.

— Que aperto! O que vale é que estava lá o chefe de policia para apasiguar a barafunda.

— Eu o vi, tranquillo e sereno no seu camarote e só, depois que acalmou-se a agitação, sahir.

— Para accomodal-a?

— Não, para ver o incendio onde era.

— A boas horas!

DELENDÁ CATHARGO.

Erguei-vos, Cidadãos! Unidos todos,
Deveis mostrar que a força não se mede

Pelo erro aggressor;

Que ha uma lei maior que a tyrannia;

A onda popular que se assoberba

Ao dedo do Senhor.

Erguei-vos, Cidadãos! Visteis,—ha pouco,

Um misero repetil ousou manchar-nos,

Erguer-se contra nós;

Mostrae, filhos do povo, ao orgulho insano

Que a mão, que um dia nos bater nas faces,

Encontra a todos vós!

Vede; rebenta a multidão na praça,
Lava sublime que depura o crime;

Só a hora de Deus.

Abre-se a tumba da passada historia

Quem foi que a despertou? Deus láo somente

Erguei-vos, Prometheus!

— A luz! queremos luz! rasgue-se o crepe,

Que vela a face angusta á liberdade,

Ao berço do condor;

No dominio da lei—cumpra-se o mando;

Mas, si a lei postergarem vis tyrannos,

Sustente-a o vosso ardor!

Deveis-l'a sustentar: empenho é vaeo!

Quando o passado erguer-se palpitante,

E vos fizer tremer,

E perguntar-vos: que é da urna sancta

Das cinzas dos heróes; dizei, Senhores,

Que haveis de responder?

Tudo varreu a mão do despotismo!

Sacerdotes sem fé, dormisteis rindo

Ao pé da baethanal;

Quando a infamia passou—era ja tarde:

Restava-vos somente um sonho doído,

Um sicario e um punhal!

Vede; passa agora um vulto estranho,

Fronte erguida entre vós, olhar brilhante

E a dor no coração!

Pedro Ivo! que fizestes de seu nome?

Hontem o olvido, hoje uma vergonha

Por unico braço!

Antes morrer! Oh! antes como um verme

Jazer na treva, si quereis, mentindo,

Vossa origem trahir!

O futuro é de Deus, mas tende brios,

Si n'arca d'alliança ser quereis

Os druidas do porvir.

A França os teve, Quando a mão do tempo

Os destinos parou do povo escravo,

Noventa e tres surtiu!

Liberdade e razão—que thema augusto!

Deveis-l'o discutir co'a espada e a lyra;

Assim se discutiu!

Servi de coração á patria afflicta,

Seja a força um poder; cada uma idéa

A scentella dos céus;

Erga-se o povo nas passadas gloria;

Irrumpa a marselheza a voz dos bardos,

Que soa a voz de Deus!

Erguei-vos, Cidadãos! Ruge do norte

A tuba marcial; a onda avança;—

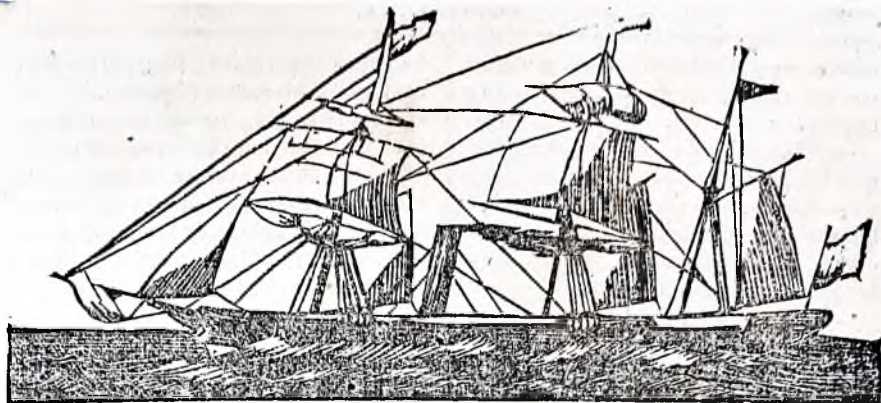
—Segui-a todos vós!

Eu não vos fallo, não; Nunes Machado,

Padre Roma, Caneca, erguem-se todos;

Saudae vossos avós!

(A Faculdade e o Povo.)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. ✓ 6 DE JULHO DE 1867. SERIE 25.^a—Ns. 225 e 226.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 4.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1^o rs. por series de 10 numeros ou 5^o rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de julho de 1867.

Officio a Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande demolir o telheiro que ha á entrada da ladeira de S. Francisco do Paula, visto não ter elle outra utilidade sinão de servir de valhacontó á immoralidades á noite, e mijadouro de dia, dificultando com isso as familias que moram defronte que possam chegar á janella. Confia-se que a Illma. attenderá a pedido tão razoavel.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo provisório de policia, pedindo-lhe que informe si é exacto o que corre, de que, as praças que estiveram ha pouco destacadas no Itapicuru, estão até hoje sem receberem os soldos que lá venderam, entretanto que a thesouraria ha muito que pagou esse dinheiro.

Semelhante pedido, tem por fim elucidar a veracidade de um boato que pode comprometter o credito do terceiro, pelo que espera-se merecer a attenção de S. S.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que man-

de syndicar si é verdade: que o alfares Pacea, destacado no Engenho da Conceição, esfoleteou um dia destes ao guarda Bahiano, e, no caso de ser assim, sirva-se S. S. de impor ao mesmo o castigo em que incorreu, por tão desvairado procedimento, para que fique advertido de que o Regulamento desse corpo não manda punir faltas com supapos.

Espera-se ser attendido.

—Como foi de Dous de Julho?

—Assim, assim.

—Pelo que apreciei, convenci-me de que por entre as expansões de regosijo e entusiasmo a que parecia entregar-se a população, desenhava-se uma especie de tristeza; como que dominava certo marasmo ou torpor sobre o espirito publico; havia um queixume surdo, uma melancholica apparencia nos semblantes, como si uma triste lembrança viesse annuiar as fronteas daquelles, que em outras epochas, neste dia, só tinham risos e prazeres.

—Com razão, meu charo, quem é que havia por abi que não sentisse no peito ralar-lhe a mais pungente saudade, pela esmagadora ausencia de um

ente charo, pela morte de um parento, de um amigo, lá nos campos do Paraguay?

—A respeito do festejos officiaes, o que houve?

—Parada, Te-deum, sermão eloquente pregado pelo Sr. conego Rodrigo, com assistencia da gente agalada. Vereadores foram poucos.

—Esses homens, que pertencem a uma corporação de origem popular, fazem timbre de não apparecerem nos dias nacionaes, nem em actos religiosos; lá posses de presidentes, beija-mãos, etc., isso é outra cousa; vale a pena que elles honrem com suas dignas presenças.

—Que mais?

—Um photographo, firando da torre do Collegio a vista da parada, commandada pelo Sr. commandante superior, coronel Nicolau, foguetes, vivas não correspondi.los, etc. . .

—Quanto a vivas, petarolas! O povo já não come disso.

—A concurrencia foi diminuta; á noite, antes das dez horas, o Terreiro estava deserto.

— Houve espectáculo no theatro publico, nas noites de 2 e 4, onde alguns poetas tiraram seus ventres da miseria; o palacio do governo, desta vez, tirou o pé da lama e illuminou-se a gaz; o palanque está accezo até a noite de hoje.

—E' prego de ouro com cabeça de latão; não mandaram para alli uma musica, a divertir o povo, havendo tantas aquartelladas, e fazem illuminação por mais de trez dias! Este excesso de despeza, seria melhor dispendida com uma musica.

—A pretexto de banaes conveniencias vão acabando com as tradições populares em que o povo se embestia, e arrefecendo os animos, extinguindo as causas de animação e regosijo publico.

Acabaram com a noite do 1.º, que era a alma do Deus de Julho.

—Por causa das desordens.

—Quaes desordens!

Diabo leve a policia, si ella não tem meios persuasivos e brandos para acemmo-lar qualquer conflicto, principalmente n'um dia em que todos os

habianos são irmãos. Distribuisse ella agentes moderados e prudentes por entre o povo a apaziguar os turbulentos e eu lhe diria si havia conflictos.

E para que tiraram os carros da Piedade? O anno passado foi para Guadalupe, este para o Terreiro, outro anno irá para a Baixa dos Sapateiros, e lá virá em em que fique na Lapinha.

—Não creia; enquanto existir habianos, o Deus de Julho não morre.

—Amanhan ás 4 horas, tem elles do serem conduzidos ao lugar do seu destino, depois de percorrerem algumas ruas.

—E eu hei de acompanhar o far-rancho.

—A policia desta terra longe de prevenir o crime, acoroça-o; em vez de coarctar a impunidade, protege-a; em lugar de cortar as azas ao vicio, alenta-as.

—Tambem não é as' ím.

—Si ha exageração é para menos e não para mais.

—Ou V. Exa. prevenido contra a policia?

—Euganou-se; nem tambem sou dos exigentes, que querem impossiveis.

Mas ve-a de braços crusados negar-so a repressão do crime, é intoleravel.

—E' muita exageração.

—Eu só fallo com factos.

Na noite do dia 2 apresentou-se no destacamento da repartição da policia um creoulo, lavado em sangue, com dous ferimentos. dizendo que seu aggressor estava perto d'alli, que mandassem dous guardas com elle para prendel-o. O commandante respondeu-lhe que tal não fazia sem ter ordem superior, que esperasse que o chefe chegasse do theatro para providenciar!!!

—Si o criminoso fosse asno de esperar que o viessem prender.

—Concluiu o commandante do destacamento ordenando ao offendido que se retirasse da frente da guarda, ferido como estava.

—E elle obedeceu?

—Qual! deitou-so, dizendo que havia de expirar alli mesmo.

Que tal?

— Deixo lá; não vamos tambem a ser tão rigoristas, porque um ou outro agente subalterno cumpre menos suas obrigações.

— O caso é que eu tenho sido testemunha de se pedir n'um destacamento um soldado para accommodar uma questão, prender um delinquente e se negar.

Mas, quando é guarda de policia que pede força para fazer prisões arbitrarías, o commandante do destacamento auxilia de prompto.

— São cousas de minha terra.

— Boa industria! Assim é que esses tratantes todos enriquecem!

— O que é?

— É o vendelhão de uma biboca que tem o letreiro — Nova Padaria — atraz da Sé, que impinge ao povo uma parte de arcia em quatro partes de assucar.

— Que me diz?

— Si quer experimentar, compre assucar lá, dissolva, cõe e se convencerá.

— E os fiscaes não vêm isso!

— Que se importam os fiscaes, que qualquer tratante metta no estomago do povo quanta substancia perniciosa ha, si elles, classe privilegiada, por effeitos dessa mesma ganancia, estão isemptos das garras dos falsificadores?

— No dia 28 de junho, foi encontrada na escada do um sobrado, á travessa do Cruzeiro, uma pardinha de nome Antonia, toda chicoteada, com as mãos arrebetadas e se queixando de dores agudas em um pé e nas cadeiras. O subdelegado fez corpo de delicto e interrogou-a.

— O que declarou ella?

— Declarou ser escrava de uma mulher da vida chamada Carlota Maria do Spirito Santo, moradora á rua da Preguiça.

— E que mais?

— Que sua senhora a maltractava horriavelmente, pondo-a om um ferro a engomar até á noite, e que como ella não tivesse acabado a tarefa de roupa, a senhora dera-lhe tantas pancadas,

que ella não podendo mais aguentar lançou-se de um segundo andar, onde mora a tal *senhorita*, e precipitara-se na rua. . . .

— Não sei como não morreu a pobre rapariguinha!

— . . . e era essa a razão das dores que tinha no pé e nas cadeiras. Os medicos disseram que são necessarios quinze dias para o seu tratamento.

— Que mulher deshumana!

— O subdelegado quiz remettel-a para o subdelegado da Conceição da Praia, afim de que elle desso as providencias, porem a paciente de joelhos pediu que a não mandasse, por ser o subdelegado *conhecido* da sua fera senhora!

— E que destino deu o subdelegado da Sé á ella?

— Mandou-a para o hospital.

Lá está para quem quizer ir ver o estado de lastima em que se acha.

— Na verdade é uma senhora cruel! Vão ver que não ha de haver justiça para esta *honestissima* senhora.

— Basta já este precedente do subdelegado da Conceição ser *conhecido* da tal *dulcinéa*!

— Ora esperemos!

UM CONSORCIO.

Engracia Tecla era uma raparigota de uns deoito janeiros; tinha formas arredondadas e pejudas de carne, altura mean, nariz arqueado, e os olhos vestegos.

Como se vê, não podia ser nem bonita nem sympathica; mas os paes que só tinham este fructo de um amor ja carcomido, ollavam a menina como quem mira as ruinas de Palmyra. Não havia sobre a terra mulher que se lhe approximasse em perfeição. São cousas muito de ver-se em juizo de paes, que em geral tem a bola um pouco enfraquecida, quando se trata das suas obras.

A joven Engracia, não havia, até a idade ja referida, feito pestanejar de amores nem um dos rapasolas que frequentavam a casa, e menos ainda os que perpassavam junto d'ella, no *cruzeiro* da freguezia ou no *travessio* darua.

A pobre moça estava condemnada a não ser querida dos homens, cousa com que ella solemnemente encavacava, pois desde quinze annos formigavam-lhe no peito umas tendencias muito pronunciadas para viver de uma vida partilhada com ente que não fosse de seu sexo.

Mas a terrivel natureza dora-lhe uma architectura que não encontrava admiradores, e portanto sem sahida.

O desespero n'aquella alma feminina excedia os limites da prudencia, e imaginou fazer a cõrte a alguem, ja que ninguem lh'a fazia.

O caso estava em encontrar desgarrado, algum ser macho a quem certamente investisse.

Para muita bella, seria isto cousa facil; porque está reconhecido que não ha hoje cousa que seja *alcaide*, mas para Engracia havia seus obstaculos.

Na sua vizinhança não existia homem desemparelhado; todos tinham companhia e os que não a tinham, eram verdolengos de mais.

Esta mágoa, que ia a pôr nas espinhas, encontrou prompto consolo com a mudança inesperada de um mestre sapateiro, rapaz bem apessoado, que veio estabelecer-se no predio fronteiro ao seu.

(Continúa.)

LA VAE VERSO.

ONOIVADO DA TABERNA.

Era um patife, com coração de morto,
Que na matraca seu grasnar soou,
Andando á pista dos vintens da sorte,
Viú uma tasca, para alli baixou.

Bebado vinha, e de longe ao longo.
Os dentes podres com furor rangeu;
Rodaque russo, arremedando um monge,
Parou na porta e a cabeça ergueu.

Pensou que entrava na mansão celeste...
Um candieiro lhe ministra luz;
Esguiu e magro, tal qual cypreste
Plantada em frente de marmorea cruz.

Uma coruja deu um pio d'espanto,
Elle voltou-se não *pescou* ninguem;
Então na lama, chafurdando o manto,
Quasi cahindo se arrastou alem.

Na tasca immunda viu a luz alcada,
Que do balcão lho mostrava o fim;
Entrou, sentou se, e com voz magoada
Ao locandeiro elle fallou assim:

«Senhor da venda, toda minha vida
«Caxaça forte, gastei em amar!
«Deram-me agua, infernal bebida!
«E o odio eterno venho aqui jurar.

«Quem vendo um frasco, cuja tampa finda
«Pela cortiça de vizão fallaz,
«Vasio embora, não sorverá ainda
«— Ultima gota que no fundo jaz?

«Minha cabeça no balcão repousa!
«E pinga forte tu não tens aqui?!
«Cruel, infame, tens erguido a lousa
«Deste coitado, que viveu por ti!

«Cruel, infame, tens erguido...» E em meio
Uma garrafa suspendeu na mão,
Vasia garrafa que tirou do seio,
Pintava ao vivo tão cruel paixão.

«Morro de sede! e os protestos nossos
«Não se afogaram no immortal prazer!
«Sim! na calçada quebrarei meus ossos
«Serei defunto sem folgança ler!»

«Oh! nunca, nunca! Que maldade infinda»
—Voz feminina resmungou além,
«Oh! nunca, nunca! viverás ainda»
E um vulto estranho ja nos braços tem.

Que vulto era? Oh! das mais airozas
Uma *dulce* de tostada cõr!
Traz na cabeça quatro murchas rosas
Todas cobertas de lethal pallor.

«Não executes o que tens jurado,
«Para salvar-to eu estou aqui!
«Quero ser tua, e tambem gelado
«Trago este peito por amor de ti.

«Eis este frasco que ainda tem no fundo
«Caxaça forte que te mate a dor,
«Sem ti, sem pinga, que farei no mundo?
«O mundo é um ermo sem o vosso amor!

«Eu te buscava quando á luz da lua
«Vi-te sentado no balcão fatal!
«Trago-te pinga... que jurei ser tua
«Aqui na terra e na mansão final.

«Tu não comprehendes meu sensível peito!
«Mas hoje o fado nos reúne emfim!
«Si tu morresses, no teu frio leito,
«Chorando sempre que seria de mim?»

Então o homem de coração funereo,
Bebeu o nectar de tão bello alvor;

Era um feitiço de fatal mysterio,
Que no seu peito fez brotar amor.

E a feiticeira despresou um dia
É mais que a pinga jura amal-a então:
Elle era um odre que jamais se enchia
Funiu a esposa a quem deu a mão,

Passados annos, quando foi volvido
Este segredo, que criara pó,
Viu-se que um peito fôra ali unido
Por sympathy da caxaga só.

M. A. Pereira.

— A effigie do Sr. D. Pedro ficou
hontem às escutas.

— Porque?

— Pegou fogo á giringonça do Ter-
reiro e ia ardendo tudo. Illuminaram-
se apenas os carros triumphaes.

— Que frequencia de fogos, V. vê?

— Mero accaso!

— Eu sei homem!

— Viu hontem a corporação acade-
mica?

— Não.

— Sabiu para depositar sua bandeira
e percorreu algumas ruas debaixo de
enthusiasticos vivas e precedida de im-
menso povo.

A PEDIDO.

Pergunta-se ao Revm. Sr. Rocha Vi-
anna em que academia sustentou the-
se para usar no frontispicio de sua obra
— «Índice alfabetico das disposições de
lei civil, que regulam materias cano-
nicas» — do titulo de doutor.

O bacharel curioso.

— Uma empresa publica, pode ter
preconceitos de servir a este ou aquelle?

— Quem lhe disse isto?

— Eu sei lá, eim?

— Então como falla?

— Porque me disseram que morrendo
a mulher do Gallinheiro e indo este á
Companhia de Vehiculos alugar carros,
disseram-lhe que nao havia e elle viu-se
na contingencia de fazer o enterro á
mão.

— Sem duvida é porque os carros
estavam todos occupados.

— Pois no tempo do Ariani faziam-se

n'um dia trez e quatro enterros regu-
lares e não havia falta de carros e hoje
que a companhia alem do seu, absor-
vou o trem daquella empresa, não tem
carros para dous enterros!

— Ao menos o pretendido consul da
Costa d'África poupou essa despeza.

— Capitão, uma carta que me trouxe
neste instante o Christovão, vinda do
theatro da guerra.

— Deve ter alguma noticia impor-
tante.

— Não sei.

Lêa V. Ex.

— Com sua licença.

«Acampamento em Tuyuty, 12 de
junho de 1867.

«Amigo Ricardo.

«.....
«Parece-me que breve tenho de lhe
abraçar, porque trata-se agora do
ataque final. O Caxias não deu o ataque
no mez de maio como prometteu, por
causa de ter a espada enletrujada dentro
da bainha, o que já se conseguiu tiral-a,
com muito custo. Agora trata-se do
limpal-a, que deve ficar brevemente
prompta, e até o fim de julho teremos a
decisão.

«.....
«Teu affectuoso amigo,
«*Marques.*»

— Que religião professa este presi-
dente?

— Parece-me que a catholica.

Porque pergunta?

— V. não foi ao theatro no dia 2 de
Julho e no dia 4?

— Fui.

— Não viu o presidente dar vivas ao
dia 2, ao povo bahiano, ao imperador
e em ultimo lugar a religião catholica?

— Não reparei isto. Mas que quer?

O homem era empregado publico, met-
teram-n'o nestas cousas, está atra-
palhado.

— V. tem razão. Elle vê-se hoje met-
tido n'um fardão bordado, por isso es-
tranha.

— Nem tudo é para todos.

— E nem todos para tudo!

— O Candinho vai dar um beneficio.
— Não sabo me dizer que drama leva elle á scena?

— Parece-me que é *Ghigi*.

— Achava que devia levar *O Cego e o Corcunda*.

— Era melhor, porque estou certo que elle desempenharia bem o papel de corcunda.

— E havia de desempenhar.

— Que duvida! Melhor que outro qualquer, por não ser mais preciso elle se caracterisar.

— Em todo caso recommendamos ao publico este beneficio, que terá logar na quarta feira 10 do corrente.

— O beneficiado é digno de uma grande enchente.

MOTTE.

*Amor é alma da vida,
Amor ao vivente apraz,
Amor prazeres concede,
Amor dissabores traz.*

GLOZA.

Amor é segundo Deus,
Amor da vista se gera,
Amor a tudo supera,
Amor na terra tem céus;
Amor felicita aos seus,
Amor dá gloria subida,
Amor é prenda querida,
Amor em si contém tudo,
Amor falla, sendo mudo,
Amor é alma da vida.

Amor é forte paixão,
Amor encerra doçura,
Amor dá grande ventura
Amor não quer *meiação*;
Amor nutre o coração,
Amor activos nos faz,
Amor é mui perspicaz,
Amor ausente entritece,
Amor é sem interosse,
Amor ao vivente apraz.

Amor não é livre escolha,
Amor vem da sympathia,
Amor produz alegria,
Amor defeitos não olha;
Amor é verde, qual folha,
Amor só d'amor tem sede,
Amor as graças excede,

Amor tem altar e culto,
Amor não existe occulto,
Amor prazeres concede.

Amor é menino cego,
Amor é tolo é pateta,
Amor nos fere com setta,
Amor dá venturas, nego;
Amor faz como o morego,
Amor é tigre voraz,
Amor leão muito audaz,
Amor é cruel serpente;
Amor enloquece a gente,
Amor dissabores traz.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado da freguesia do Pilar, providencias contra o desacato praticado, na tarde de 4 do corrente, por um beliguia ou agente da policia de S. S., que se achando, como é de costume, embriagado, dirigiu-se a uma infelz, que pacificamente vendia laranjas, e sem mais preambulos, esse miseravel biltre, deu-lhe quatro bofetadas e quiz prendel a, facto este muitissimo revoltante, em consequencia de ser praticado por um homem a quem S. S. deu uma facção, para elle manter a boa ordem e moralisar os factos, porem tal não o faz, porque é sempre elle o provocador, e cometendo outras muitas infamias acobertado com o nome de authoridade, onde uma dellas foi esse miseravel vampiro acompanhado de salteadores de sua eguala, vestirem-se de soldados e irem alta noite correrem as alvarengas, resultando deste asalto *agadanharem* objectos que foram vendidos por 20\$rs. à vista pois do esposto, espera-se do caracter honrado de S. S., que quanto antes enxotará essa ave de rapina, que muito desconceita a policia de S. S.
A coruja que fica entre o 6º e 8º quartirão.

VARIÉDADES.

CONSEQUENCIAS DE UM CASAMENTO POR CALCULO.

I

No adro de uma egreja na capital da Bahia, junto a um *cruzeiro*, repouzava uma mendiga. O seu somno, como go-

ralmente o dos loucos, era acompanhado de um resfolegar, semelhante ao cansaço; e sem duvida successivos o disparatados sonhos povoavam essa mente frágil e quebrada, porque a infeliz era Adelia, era a *douda cantora*, como lhe chamavam todos.

De leito, trovas aprendidas ou inspiradas pelo coração, allumiado por esse resto de luz que só desampara a mente na dissolução final, eram por ella repetidas com voz melodiosa, terna e impregnada (passemos o termo) de tanta melancholia, que a todos que as ouviam, excitavam as feveras compassivas do coração.

E era sua trova favorita:

Fui ao altar com veu branco,
Mas bem negro o coração.
Toda luto era a minha alma,
Foi-me o altar perdição!

E proseguia, quando lhe parecia bem:

Mal haja o homem malvado,
Qu' a esse altar me levou...
Mal haja o pai... Não, perdô-o,
Que fazer meu bem pensou!

E quando a turba dos que passavam se aggregavam em torno della, e enternecida ouvia-lhe o descante, a louca, attentando n'ella soltava uma gargalhada sem nexo, e se ia andando, repetindo sua trova de esmolar:

Tende dó da pobresinha,
Coitadinha....
Dae-lhe um pão por piedade!
Foi feliz... hoje chorando,
Supplicando,
Pede o pão da charidade

E alguns dos que ainda se não envergonhavam de estender a mão ao desvalido, depositavam na sua — descarnada e amarelenta — um penhor de sua salvação futura, porque a charidade é a escada mystica da visão de Jacob, é a virtude mais sublime, recommendada no livro do Nazareno.

II.

E o malvado, o algoz d'esta victima innocente e indefeza, ainda não tinha remorsos!

Mas velava a Providencia!

Viajando para Portugal, sem lhe importar a mulher que, tendo jurado, perante Deus, defendel-a, deixava ao desamparo — tendo por tecto o firmamento, por leito a soleira de uma porta, por banquete o obolo da charidade, teve o navio de arribar à Bahia.

Fatalidade!

O desalmado reconheceu a revelação do Alto, mas quiz impiamente suffocal-a; e uma inspiração diabolica fez nascer n'elle o desejo tres vezes mais impio de contemplar sua obra infernal.

Até então, esse homem era dominado por uma idéa de vingança que elle julgava *justa*. Concedemos que, pelo facto projectado, embora frustrado, houvesse crime da parte de Adelia, mas não era por ventura maior o crime de Arthur da Silveira Portugal? (Parece-nos ter sido este o nome do magistrado)

E podia um coração americano, como o d'essa virgem, suffocar-se e apagar as chamas amorosas que o abraçavam?

E não foi mil vezes infame esse homem, unindo-se a uma mulher, cujo coração sabia ser de outro?

E não foi mil vezes sacrilego, quando a obrigou a perjurar ante as aras do Senhor?

E não foi mil vezes malvado, querendo punir n'ella um crime, que era só seu?

E não foi mil vezes perjuro — assassinando — a mulher, que jurou ante as sacras aras proteger?

E o pae de Adelia? ... Mas, perdoemos-lhe, que ella foi a primeira a perdoar-lhe.

E por que, verificado o facto, não deveria ser esse homem repudiado pela sociedade, ou mesmo punido, e não deveriam ser desatados esses laços, cuja duração podia ser a perdição de tantos? ...

III.

Arthur foi em demanda do espectáculo de seu crime, em ordem á muda e covardemente insultar sua victima.

Ao approximar-se, Adelia repetiu sua trova de esmoler, e sem esperar a esmola, sentou-se na base do cruzeiro, repousou a face sobre a mão, e desatou a chorar!

Ao ouvir essa trova, ao ver estas lagrimas, Arthur sentiu um choque desordenado em todo o seu ser; mas, querendo levar a effeito o seu abominavel intento, bateu levemente com a mão no hombro de Adelia, dizendo:

—Toma a esmola, mulher:

A esse toque da mão do algoz no corpo da victima, revelou-se Deus ao malvado.

Adelia levanta-se, como se fôra tocada do raio, recuando espavorida; e, levantando sobre Arthur seus olhos chamejantes de ira, voltou a razão!... unicamente para dizer ao seu algoz:

Maldito sejas tu!...

.....

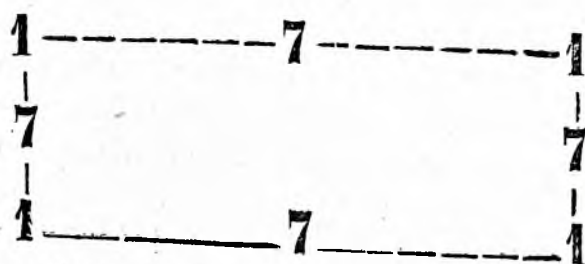
No dia seguinte sepultavam-se n'um humilde cemiterio os despojos da *dou-da cantora*, ao mesmo tempo, que um soberbo mausuléo recebia os restos mortaes do magistrado Arthur da Silveira Portugal.

Ssm duvida bem diversos foram os destinos d'essas almas, transpostos os umbraes da Eternidade!

Estas as terriveis consequencias de um casamento por calculo.

(Ext.)

Um homem cego recebeu um presente de 32 garrafas de vinho e desconfiando que seu creado quizesse se associar à elle na pinga, arrumou-as da seguinte maneira, de sorte que contando de cada lado dava nove:

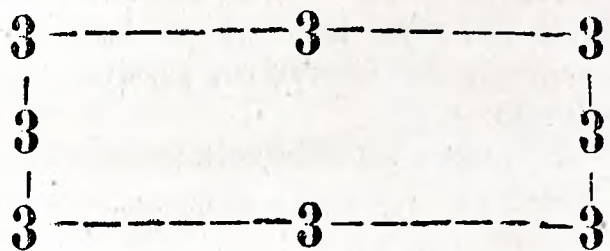


O esperto creado bifou quatro garrafas do licor de Baccho e depois de dar tratos ao juizo do que havia de fazer, para que seu amo não desse pela faltrua, organisou-as por esta forma:

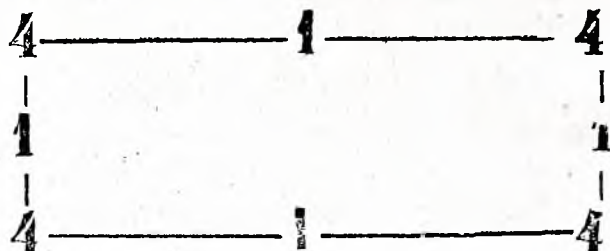


Quando o amo foi a adega contou de cada lado, achou nove e não deu por falta das quatro garrafas.

No outro dia, o creado armou-se com mais quatro garrafas e collocou-as assim:



Não contente, de ter já empalmado oito garrafas, roubou mais quatro e poz-as neste geito:



Assim chupou elle doze garrafas do eneroso licor, sem que passasse pela mente do amo, que era victima de um logro.

BONS DITOS.

—Quantas linguas tenciona mandar ensinar a sua menina?

—Nenhuma, porque não ha mulher que não tenha de sobejo na sua.

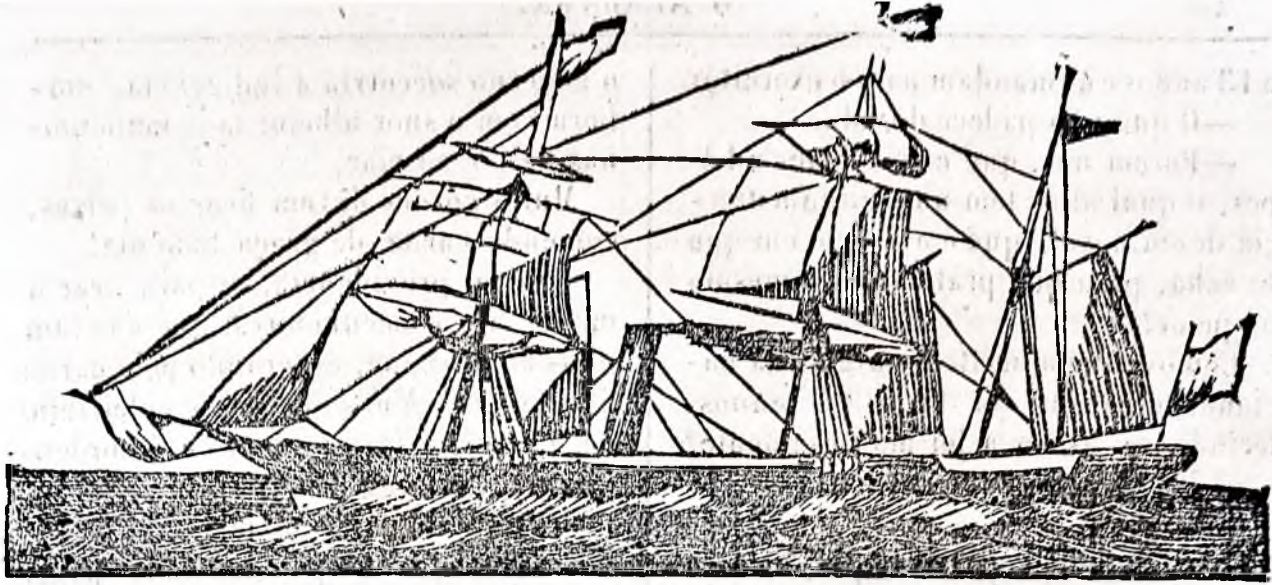
—Então como vae isso hoje? melhor?

—Ai, doutor, estou tão mal, tão mal, que se viessem dizer-me que ja morri, não ficava muito admirada.

ANNUNCIO.

REGIMENTO—UNIÃO BRASILEIRO.

As praças deste regimento são convidadas a apresentarem-se no largo do Terreiro, no domingo 7 às 2 horas da tarde, afim de emcorporadas, acompanharem os carros triumphaes à Lapinha, debaixo do commando do cidadão Antonio Olavo da França Guerra.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

10 DE JULHO DE 1867.

SERIE 25.^a—N. 227.

Publicase na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avuisa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe o seguinte:

No dia 1.^o de julho, Leopoldina de tal, moradora ao becco das Hostias, n. 193, praticou a barbaridade de metter as mãos de uma creança de 5 annos de idade, dentro de um caldeirão de agua fervendo, pelo facto de haver essa innocente tirado um pouco de comida, sem sua ordem.

Espera-se que S. S. mande vir á sua presença a infeliz, e á vista do estado de deformidade, que apresenta, dê as providencias que a lei exige.

—Terminaram os festejos do Dous de Julho.

—Por este anno, bem entendido.

—Hontem ás 5 horas da tarde, como complemento do festim, sahiram os carros do Terreiro, foram á Praça dos Veteranos, rua da Independencia, Lapa, Piedade, passaram duas vezes pela Praça de Palacio e seguiram para a La-

pinha, acompanhados pelos corpos — Academico, Lyceista, Minerva, União Brasileira, e Caixeiros Nacionaes.

O carro do caboclo ia puchado por marinheiros, depois os meninos tomaram conta.

Poesias, flores, foguetes, não faltaram.

—Apesar de tudo isso, não se pode negar que este anno houve uma certa indiferença, motivada, talvez, por algum objecto occulto.

—Em todo o trajecto reinou a melhor boa ordem possivel.

—Só não gostei foi do desembestamento, com que andaram pelas ruas alguns cavalleiros, depois que voltaram da Lapinha.

—Desculpe, vinham com as cacholas impregnadas de entusiasmo e patriotismo.

—Macaco não olha p'ra seu rabo.

—Xô!

—E' um adagio que a experiencia tem provado ser muito certo.

Entre as muitas pechas lançadas sobre o Lopez, fazem-lho grave carga, o rigor com quo agarra meninos de 12

e 13 annos e os mandam para o exercito.

—O que não padece duvida.

—Porem nós, que censuramos a Lopez, o qual aliás tem uma circumstancia desculpavel, que é o aperto em que se acha, para que praticamos o mesmo ou peor?

Como é que admittem na guarda nacional creanças de 12 a 14 annos, ferindo-se assim a lei acintosamente?

—De 14 annos?

—Sim, Sr.

No 6º batalhão, por exemplo, ha uma catervagem delles, que, quando largam as fardas, vão para o largo do Theatro empinar papagaios.

—Só si o commandante gosta de divertir-se com creanças.

—Que respeito pode infundir um picralho, que, nem ao menos pelo tamanho, faz figura de homem?

—A culpa é dos conselhos de qualificação.

—Depois, quando foge, *verbi gratia*, um preso do poder de uma lesma dessas, é que querem provar que ella é de menor idade.

—Fallae no mau, apparellhae o pau. Lá váe um dos taes.

—Aquelle é um dos mais *taludos*: é Chrispiano Tranquillino do Sacramento, da 4ª companhia. Ha outros menores, olhe—Cassiano Luiz d'Almeida, da 4ª companhia; Manuel Macario Pereira, tambem da 4ª e Joao Julio Pereira de Castro, da 6ª, são perfeitos meninos; nenhum tem a idade da lei, nem della se aproximam.

—No entanto, os que mettem nas mãos d'um innocente d'aquelles um pau furado, censuram a quem, obrigado por força maior, vê-se na contingencia de lançar mão de recursos extraordinarios!

—O diabo quanto mais endreitava o nariz da mãe, mais torto o punha!

Assim é esse negocio do matadouro publico; quanto mais innovações lhe fazem, peor fica elle.

—Fazem e desfazem, até acertar.

—Até agora as carnes, que sobravam, repartiam se com a pobreza: ao menos

o governo soccorria a indigencia, embora com o suor alheio: hoje mandam-nas deitar ao mar.

Muito gordos devem ficar os peixes, comendo carne de graça todo dia!

—Esta providencia foi para tirar á mama' aos especuladores, que não iam mais ao açougue, esperando pela carne dos pobres. Muita gente de coleirinho em pé assim fazia; alem de desordens que se davam na distribuição.

—Por deleixo da policia.

—Tambem a policia hade pagar todas as favas que o asno come!

—Si ella quizesse, evitava toda essa balbúrdia.

—Como?

—Quem estivesse no caso de tomar esmola, recebia um cartão, uma senha, do respectivo subdelegado, para apresental-a; a policia mandava um agente seu assistir a distribuição e assim acabava-se a chupeta dos expertos.

—Isso era um nunca acabar de trabalho!...

Não, Sr., a cousa como está, está bem.

—Dando azo á que os maldizentes digam tanta cousa.

—O que dizem?

—Que é verdade que a carne vae para o mar, porem depois de passar pelo buxo de muita gente.

—De Deus se falla.

—Um dia destes, dizia um falastrão, para a casa da Ritinha foram tres cestos, para a casa da D. Anna vão constantemente dous, para a de D. Candida dous, para a do Pedro de C. dous; o barbeiro da Baixa dos Sapateiros comprou hontem uma arroba a 60 rs.

—Intrigas.

—Eu tambem creio. Mas, o criador, que sabe o que lhe custa, não ha de ouvir de bom humor semelhantes rumores.

—Quantos dias durou a illuminação?

—Quatro.

—Quem foram os que deram os vivas no palanque?

—O presidente no 1.º, o commandante das armas no 2.º, o commandante

superior no 3.º e o commãdante de policia no 4.º

—E o presidente da camara, ficou no tinteiro?

—Quem viu a cara delle?

—As cousas desta terra são assim!

A camara municipal, corporação que dimana directamente do povo, nos dias de festa do povo, esconde-se e cede o logar que lhe compete aos fardões bordados, de pura nomeação do governo.

Não seria mais bonito que, em logar de algum desses militares, se apresentasse um dia o presidente da camara a dar os vivas?

—As cousas hoje mudaram. V. não vê que o presidente deixa a religião para ultimo logar?

UM CONSORCIO.

(Continuação.)

Mestre Amaro era solteiro, vivia só, não sabia á rua, e ruminava ha tempos a intenção de trazer paracasa uma Eva, que lhe desse pasto ao coração e pespontasse ao mesmo tempo os canos das botas dos freguezes.

Como se vê, existiam em frente uma da outra, duas pessoas a soffrer do mesmo mal.

Um dia, Amaro e Engracia viram-se. Engracia achou o sapateiro um anjo; a Amaro pareceu-lhe Engracia uma mulher aceitavel.

Olharam-se admirados e assim como quem tira a sorte grande.

O sapateiro, porém, achou cousa difficil; vencer um coração, que se dizia andar acompanhado de uns vinte contos de reis; preço tachado á fortuna dos progenitores de Engracia!

Esta fazia calculos de arco da velha; e si olhava pouco satisfeita o mister de trabalhos em sola, pouco depois dizia:

—Sapateiro è uma arte nobre; e depois, pode pôr uma grande loja de calçado!...

Reccio de um, entusiasmo de outra, e nada mais, é o que se dava a dous mezes sem adiantar-se um passo; Olhavam-se muito e ficavam n'isto.

Bobos que eram; si fosse commigo

decidia logo a cousa em 24 horas, quando muito.

O rapaz porém passava os dias agarrado ao trabalho e de vez em quando espichava umas olhadellas ternas sobre a visinha, que amarrotavam completamente o peito da infeliz menina.

Por entre as cousas que se revolviam na almada fazedor de botas, escruciava-o a idéa da solidão em que vivia e cantarolava a espaços a seguinte canção que parece obra propria e maliciosamente ideada, a qual dizia assim:

A trabalhar passo o dia
N'esta triste solidão,
Sem ter uma alma amiga
Que me entenda o coração.

Ai, pobre de mim coitado,
Ai, pobre do Amarinho,
Sem ter uma alma amiga
Que faça-lhe um agradinho,

e suspirava uns ais, que compungiriam sola, tornos, martellos, buxos e torqueses, si fossem susceptiveis de compungir-se as ferramentas do mestre Amaro Dias.

Estas amarguras iam todas pespegar-se no coração da sua Ella, que por detraz da cortina espiava os desconsohos do rapaz e partilhava d'elles, disposta a tiral-o quanto antes de taes aperturas.

(Continua.)

A PEDIDO.

—Sr. Dr. Intendente da *vigilancia publica*, trago á presença de V. S. este individuo.

—O motivo?

—Empenou-me o costado com uma horrenda pedrada que arremessou, alem de moer-me a carne e me por a pelle denegrída, como V. S. vê.

—O que quer que lhe faça?... Fez ferimento?

—Não, Sr.

—E então?

—Perdão, Sr. *chefe*, eu pela minha ignorancia, cheguei a persuadir-me que authoridade de V. S. tinha meios correctivos para os malandrins, apedrejadores, etc.

—Atirou-lhe de proposito?

—Não, Sr.

—Pois então! Eu tambem eston nas circumstancias de levar uma pedrada por um accaso.

—Então V. S. não pune, porque a pedrada não me quebrou a cabeça?

—E' curial.

—Bom! si della eu cahisse frio no chão, meu matador não leria crime, porque não me fez verter sangue! . . .

—Isso muda de figura.

—E' um bom exemplo de impunidade para os vadios e atiradores de pedras, quando souberem que a condescendente authoridade de V. S. não tem força bastante para fazel-os refrear, e que podem commetter quanto desvario ha, comtanto, que não firam ninguem.

A's suas ordens.

—Passe bem.

—O guarda policial Francisco Ribeiro Salles, que fez no dia 23 de junho prisões arbitrarías, segundo uma representação feita ao chefe de policia, e um artigo publicado no *Alabama*, já esteve carregado de armas por espaço de duas horas.

—Gosto de ver quando o superior pune os desmandos de seus subalternos.

—Torna-se credor dos maiores elogios, o que assim pratica.

—Então é credor delles o Sr. major Jorge Franco, ex commandante do corpo policial.

Sr. Redactor. — Entendo que a missão da imprensa é castigar os vicios e desmandos e tecer encomios á virtude, apreciando os factos taes como elles se dão.

Peço a V. que dê publicação ao seguinte: provoco a *Coruja que fica entre o 6º e 8º quarteirão* — para tirar a mascara em que se encobre e vir á tribuna universal assignar as infamias que atirou á quem se julga muito superior em procedimento.

Quanto a roubos e ladroeiras que attribue a alguém, só a elle cabe; por tanto, apresente-se, sob pena de passar

por um infame calumniador e ser votado ao desprezo.

O Macaco enganador.

VARIETADE.

Fabula.

A PRESSA E A PROVIDENCIA.

Ha muito tempo a doce Paz reinava
Em um paiz bem novo,
Adormecido o povo
Pensou que a vida sempre assim passava

Lembrou-se a *Providencia*
De preparar p'ra guerra
O povo d'essa terra:
Mas certa sapiencia
Que se chamava a *Pressa*
Oppoz-se a tal afan
E diz-lhe:

« Si amanhã

Houver uma campanha,
Prometto em um só dia
Nesta terra tamanha,
Armar de infantaria
Uns trinta batalhões;
E de cavallaria
Duzentos esquadrões.»

A Paz continuou
A proteger a terra,
E o povo dormitou,
Sem um pensar na guerra.
Depois . . . muito depois,
Um dia . . . houve um alarma,
Um tiro, dez, mais dois . . .

A *Pressa* busca uma arma
E chama o pobre povo
D'esse paiz tão novo . . .
Cabiram mil soldados!
A *Providencia* viu
Da *Pressa* os resultados,
Chorou; mas . . . tambem riu.

MORALIDADE.

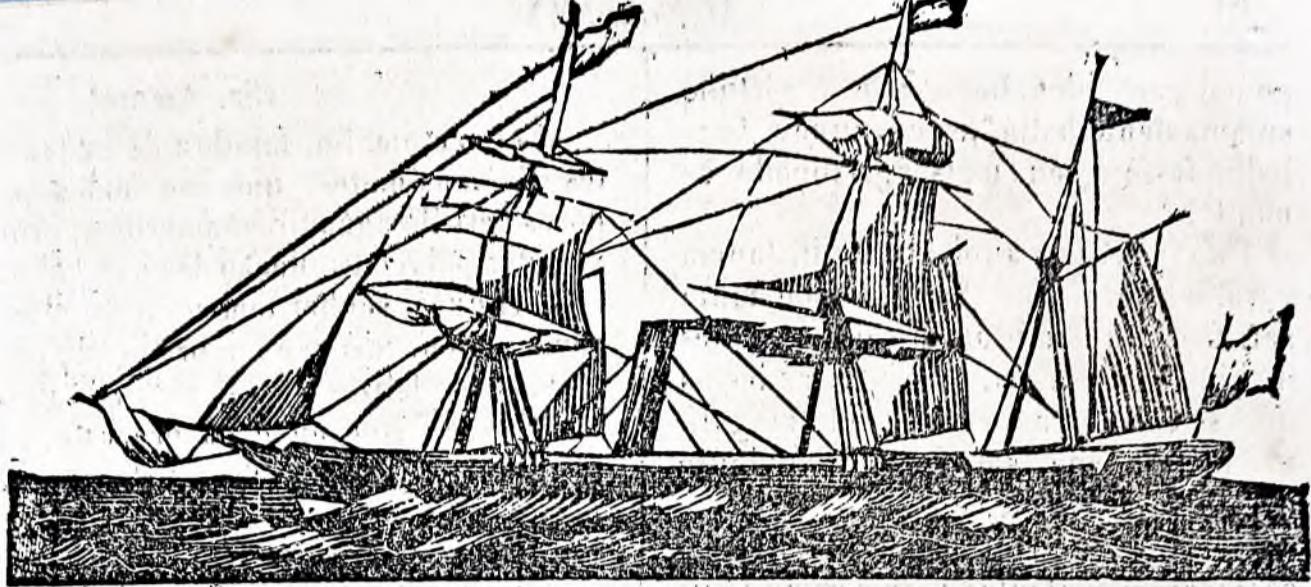
Oh, pressa! maldição! a improvidencia.
Não governe nações;
Do povo as ovações
Dos thronos se dirijam á *Providencia!*

Licurgo

ANNUNCIO.

Para quem gosta.

Breve sahirá á luz, a nova modinha
intitulada—*O beijo de amor.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

11 DE JULHO DE 1867.

SERIE 25.^a—N. 228.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14. 4.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de julho de 1867.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe providencias, que façam cessar o inveterado escandalo de andarem sentenciados passeando á noite, do que ja resultou, ha tempos, que um fosse á casa de sua amazia esfaqueal-a.

Na noite de 29 do p. p., foi por dous guardas nacionaes preso na rua do Tijolho um desses individuos, que andava por alli a divertir-se, e, na noite de 8, andou um outro pela rua do Collegio, ladeira do Aljube, rua do Bacalhau etc., o qual foi visto e conhecido por muita gente.

Do zelo e actividade com que se tem distinguido S. Ex. na commissão, que lhe esta confiada, espera-se que, attendendo ao exposto, dará providencias, que façam sanar semelhante desrespeito á lei.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que constantemente apparecem vultos pela Gamboa,

Campo Grande e Victoria, para roubarem as pessoas, que de 11 horas da noite em diante, por esses logares transitam.

Na noite de 7, o israelita Alcainir foi accommettido inesperadamente por um desses vultos, que, pondo-lhe uma faca aos peitos, tomou-lhe o relógio, o transele e 25\$ rs. que levava.

Espera-se que S. S. dê as providencias necessarias, assim de pôr um paradeiro á audacia de semelhantes ratoneiros, os quaes trazem os moradores dos logares indicados atemorizados pela falta de segurança individual.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, invocando suas vistas para a pessima qualidade de pão, que se expõe actualmente ao consumo publico, devido isso á mistura que fazem os padeiros na pouca ou nenhuma farinha, que ha no mercado.

Conscios da sollicitude, com que S. S. olha para a saude do povo, espera-se, que, tomando em consideração o que fica dito, procure de alguma forma attenuar semelhante mal.

A HONRA.

O Trabalho e a Virtude gozaram em outro tempo de nobre e distincto empre-

go na corte dos Deoses: e a virtude summamente bella fez com que o Trabalho fosse o seu mais apaixonado amante.

Este, a pediu a Jupiter com instancia para consorte, que lha deu com tanta satisfação, que o proprio rei dos Deoses dirijiu os espensas, e assistiu ás bodas que se celebraram com grande magnificencia e plena satisfação e applauso de toda a corte celeste.

Durante alguns annos os novos esposos viveram contentes, porem como a Virtude era esteril, começaram o Trabalho a testemunhar-lhe alguns desgostos.

Na tristeza e consternação, porque a Virtude muito amava o Trabalho, supplicou fervorosamente ao rei dos deoses que por intercessão de Juno lhe desse descendencia.

Foi bem attendida; e nove mezes depois, teve o doce prazer de dar a luz uma lindissima e apreciavel menina que se chamou — Honra. —

Sua alegria porem, foi muito breve.

A formosa criança, que ia desenvolvendo um sem numero de graças, merecendo continuos applausos, e que era o enleio de todos os corações, foi desgraçadamente atacada de bexigas, a que sobreveiu mortal sarampo, e espirou nos braços de sua carinhosa mãe, que depois permaneceu inteiramente esteril.

O Trabalho, que tanto desejava ver fructos seus, mais desgostoso que nunca, inteiramente a abandonou.

A Virtude, sentindo a falta do consorte que tanto amava, extenuada de chorar, se consumiu tanto, que ficou reduzida a puro fantasma, apparecendo como tal entre muitos impostores que ousavam lisonjear-se de serem descendentes d'ella e do Trabalho.

(*Lanterna Magica.*)

UM CONSORCIO.

(*Conclusão.*)

Num bello dia, pois, Engracia tirou-se de seus cuidados, fechou-se no seu quarto e escreveu a mestre Amaro a epistola seguinte, com algumas modificações orthographicas:

«Sr. Amaro!

«Vel-o e amal-o, foi obra de instantes! Ha dous mezes, que por todos os poros destillo aguadilhas amorosas, provocadas pela continuação de enxergal-o.

«Sei que o senhor tem coração solto, como o meu. tem-me lembrado que podiamos ser felizes si nos casassemos!

«Não se envergonhe da proposta, eu não posso viver mais no estado em que me vejo.

«Responda breve a

«Sua criada

«Engracia».

Amaro leu a carta e teve um desmaio de que só accordou para ir escrever a resposta que segue:

Engracinhá!

«A tua carta derreteu-me o senso e derrubou-me o beijo; de hoje em diante nao farei botas que sirvam; estou transtornado de uma vez.

Nas tuas letras encontrei o pinaculo da felicidade.

«Quero casar contigo e se não casar deixo de ser Amaro, para ser pó. Emquanto, porem, não se decide esta questão, affianço-te que sou teu e só teu

«Do coração

«Amaro Dias.»

P. S.

«Teu pae consentirá na nossa união?»

Engracia leu a resposta, deu tres suspiros, fez-se vermelha e disse:

— Cahiu a sopa no mel!

Em seguida, tomou da penna e lançou ao papel a resposta seguinte:

«Amarinho!

«Somos noivos, que pechincha, eim! papae sempre tem fallado a teu respeito; chamou-te grande artista e compendio de virtudes.

«Vem pedir-me antes da semana santa; o papae cede aos meus e teus rogos.

«Vem de casaca e traz luvas; é bonito e faz effeito: espero-to hoje.

«Tua e tua só

«Engracia»

Amaro acabou de ler a carta, fechou a loja e foi comprar luvas.

Ao escurecer, apresentou-se em casa da Engracia, fallou com o papae da menina, que destruiu a repugnancia da sola com os peditorios da filha e marcou-se o dia do noivado.

Como os conjuges estavam um pouco apressados, arranjou-se toda a festa em oito dias.

No dia das nupcias, depois que o Revm. cura Miranda uniu os dous esposos, houve lauto jantar e excellente baile, que terminou muito cedo, á pedido dos noivos.

Assim socegou pois a alma de Engracia do formigueiro que lha minava!

Desde que se casou não a tornei a ver, mas dizem-me que anda para cada hora.

Deus lhe dê um bom successo!

A PEDIDO.

— Toda violencia contra a garantia individual, é um attentado á constituição e as leis.

— Quem não sabe disso?

— Como é que um subdelegado tem o arrojo de, fora de horas, arrombar uma casa, escangalhar as portas do interior, penetrar até o leito de dormida do cidadão e ir arrancar-o dahi?

— Eu não creio que haja autoridade que pratique tão inaudito excesso. E' preciso estar louca ou possessa.

— Por Nossa *Senhora da Conceição*, não duvide de minhas palavras.

O facto deu-se na noite de 6 do corrente, depois das 11 horas.

— Em que logar?

— Na rua da *Indolencia*.

— Quem é o subdelegado?

— Sr. Thomaz, *aqui no mundo*, em que vivemos ninguem quer se comprometter; *jure-me* guardar segredo que lhe digo quem é.

— Duvida de mim?

— Não;

— Pois diga.

— E' aquelle negociante fallido, que, contra a expressa determinação da lei, exerce cargos policiaes.

— Ja sei; elle não tem culpa, a culpa é de quem consente semelhante azemola

occupar um logar, que por forma nenhuma é para elle.

— Sr. superintendente, estava mesmo a procura de S. S. para lhe fazer uma pergunta.

— Estou ao seu dispor.

— A razão porque as folhas diarias annunciam que a carne vende-se no talho da Victoria por um preço e quando vae-se comprar, encontra-se na porta do talho um cartão com outro preço?

— Talvez que S. S. ignore semelhante cousa, porem um dia destes, indo eu de proposito comprar carne e levando o *Jornal e Diario*, mostrando ao cortador, este me respondeu dizendo que tinha sido engano das typographias.

— E' muito provavel que fosse.

— Mas então combinaram-se.

— Ora, o Sr. sabe que as folhas estão sahindo ahi todos os dias erradas.

— Porem, Sr. superintendente, é possível que commettam erros nos preços de todos os talhos quasi?

— E' um impossivel tambem que os preços dos cartões, de todos os talhos, não combinem com os preços annunciados nas folhas diarias.

— Pois eu lhe posso affiançar que em quasi todos elles, pois já dei-me ao trabalho de examinar alguns, na Victoria, então, é sempre.

— O Sr. parece-me um homem mal-dizente.

— Si S. S. não acredita no que lhe digo, pode mandar pessoa desconhecida em todos os pontos, e se averiguará da verdade.

— E sendo verdade, o que hei de fazer?

— Dar as providencias precisas, para que estes espertalhões, não estejam assim a arrancar o suor do povo. Estou pois certo que S. S., energico como tem sido, a ponto de não querer que entrem no matadouro as gazetas que lhe censuram os actos *bellos*, dará a providencia que o caso urge.

— Ora *pécegos!*

— Sr. *Julio?*

— Prompto.

—Pois o Sr. veio de *Itaparica* para andar por aqui malandreado e enchendo a calçada da rua de pernas?

—Olhe que eu sou de briga.

—Porque não vai para o Paraguay?

—La se precisa de gente valente.

—Va o Sr.

—E' cousa que pode bem ser pela corrupção que lavra nesta terra.

Ficam os galopins e vão os que tem isempção.

—Si sabe disso...

—Porem não era melhor que o Sr. mudasse de comportamento?

—Um vivente não pode saborear um bom bocado, que a maldita inveja não lhe ponha os olhos!

Como vêm eu ter dinheiro, roupa lavada e engomada, de gauderio por amor e amizade, vivem so a espesinhar-me a pelle.

—Isso é uma infamia. Abusar da confiança e credulidade de um homem honesto e de boa fé!

—Que quer? O maldicto de Cupido é quem tem culpa.

—Diga que é a sua criminosa sensualidade.

—Emquanto as agoas não correrem turvas, heide navegar no mar de amor.

—Até que encontre um pampeiro de pau.

—Eu sou bom piloto, hei de amainar as velas da precaução, logo que se tolde a atmosphera da impunidade e desapareça a bonança do sigillo, de sorte que a tempestade do correctivo ha de me apanhar longe.

—Pode ser que na occasião V. não tenha tempo para se mecher.

—Veremos.

Sr. *Firme* chegue a falla.

Pois V. quer negar que não foi o autor das escamotagens feitas nas alvarengas?

Miseravel, a tua consciencia não te accusa de teres vendido os objectos roubados por ti e tua quadrilha ao Zé Quitandeiro? E como te apresentas com o maior descaro, acobertado com o nome de —*Macaco enganador*, provocando a *Coruja*, que fica entre o 6º e o 8º quarti-

ção — para tirar a mascara em que se encobre o vir à tribuna universal assignar as infamias que atirou?

E' até onde pode chegar a tua ignorancia e protervia!... mas, eu te desculpo, porque isso de fallares em tribuna universal, é o mesmo que o burro olhando para palacie: tu, creado na porta de alguma quitanda, sabes la o que é tribunal universal!

Quanto ao nome supposto que tomastes, está muito adequado, minha reverendissima besta, com o teu proceder, porque todo macaco usa de artimanhas, e sendo enganador, mais demonstra ser um trampolinheiro; por, isso recorreste à tribuna da imprensa para justificar que és um salteador medonho.

Por hoje basta, meu biltre.

O encouraçado.

VARIETADES

ESPERTEZA DE UM MENINO.

Um rapaz chega muito tarde á escola. O mestre dá-lhe uma severa reprehensão.

—A culpa não é minha, replica aquelle, o caminho estava tão escorregadio, que por um passo que eu dava para diante, recuava dous.

—Se assim fosse, meu tratante, nunca terias podido ca chegar.

—E' verdade, senhor; mas eu não sou tolo; fiz uma boa pirraça ao caminho. Voltei as costas para a escola, e andei como se fosse para casa! E aqui me tem!

Um dia, Diogenes entrou em um banho muito sujo:

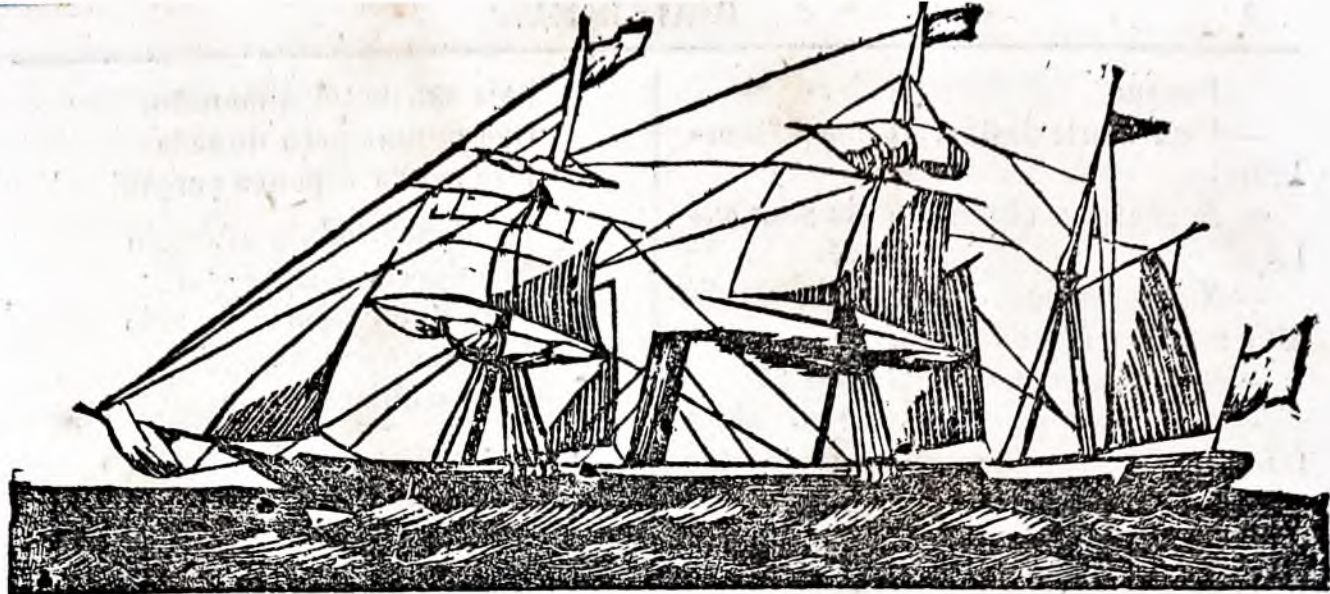
—Fazei favor de dizer-me, perguntou o cynico, onde se lavam aquelles que se banharão aqui?

—Você faz mal em beber tanto, porque depois anda a cambalear, não se pode ter em pé, e um dia quebra a cabeça em alguma queda,

—O mal, não está em beber, mas sim em andar depois de beber. Hei-de deixar-me de andar.

ANNUNCIO.

Fugiu no dia 4 de julho da casa do capitão Vignes, o cabocolinho de nome Ostilio, levando vestido camisa de riscado azul e calça de brim liso. Quem o agarrar e levar em casa do dito capitão, será generosamente gratificado.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

13 DE JULHO DE 1867.

SERIE 23.^a—N. 229.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe do policia, communicando-lhe que a gente do Olho-vivo anda agora pela estrada do Matatú e Quinta das Beatas a atacar as lavadeiras. Entre outras, foi ultimamente accommettida por esses *bravos* uma preta da casa do tabellião Mendes, a qual ficaria sem toda roupa, si não fosse o receio dos larapios de que acudisse alguém, com os repetidos gritos da atacada.

Espera-se que S. S. se dignará tomar em sua respeitavel consideração assumpto de tanta gravidade e dará providencias no sentido de extirpar o mal.

—S. Ex. o Sr. presidente da provincia, apesar de desdenhar as gazetinhas, toma em consideração os abusos denunciados pela imprensa miuda.

—Bom, bom.

—Acaba de nomear uma commissão para syndicar á respeito do boato espa-

lhado de que o soldo do destacamento do Itapicurú andava a *160*; bem como sobre o facto de haver o soldado Bahiano levado uma bofetada de um seu superior.

—Mas, si elle não lê, como sabe?

—E' que lhe dizem seus amigos.

—Valha-nos isso.

—Quantas praças tem a companhia de caçadores á cavallo?

—45.

—Quantos cavallos?

—83.

—Muito bem!... E os bajuladores gritam á toda hora que nunca houve governo mais economico do que este!

—Os cavallos são de necessidade.

—Para presentear os amigos, quando quizerem passeiar.

—E é pouco?

—E a nação que suporte uma despezas desnecessaria! E o povo que veja mudo e quedo escoar-se seu suor pela fonte dos desperdicios, sustentando-se cavallos, que gastam o duplo de um soldado para os filhos da fortuna regalarem-se.

—Anjo bento! Não passo mais tarde pelo becco do Arcebispo!...

- Porquê?
- Uma noite destas, ia me assombrando.
- Encontrou alguma mula sem cabeça?
- Não gracieje... O Passeio da Sé está mal assombrado.
- O que me diz, Sr. visionário?
- As almas penadas andam ahí a fazer penitencia. Fora de horas o portão estala... entram espectros, que sahem mais tarde, outras vezes sahem e entram de madrugada.
- A sua escaudada imaginação dá para tudo!
- Mas, si eu vi! Juro, que vi; não é sonho.
- Bôbo! V. não sabe que o quintal do arcebispo corresponde-se com o passeio?
- E o que tem isso?
- Não pode, por ali, sahir alguém de lá, que goste de dar seu gyro em horas mortas?
- Ainda assim, onde acham chaves?
- Indague dos pastores.
- Qual! Da casa do arcebispo, resguardo da castidade, simulacro de virtudes, não é possível.
- Pois vá acreditando nas almas do outro mundo, meu supersticioso, que eu encaro o negocio por outra maneira.

LA VAE VERSO. CARAPUÇAS.

N'um baile de nomeada
Vamos hoje ter ingresso;
Verás muita *mascarada*,
E admirarás o progresso
Da fidalguia bastarda.

Não t'espante s'indecente
Vires mais d'um *toilette*.....
A moda tudo consente,
E ainda mais promette
A quem n'ella for ingente.

Não fallemos do cabello,
Que parece desgrenhado;
O que era com desvelo
Antigamente tratado.
Poz a moda em desmazelo
E os vestidos! isso então
O mexer-se a gente véda,

Pois são de tal dimensão,
Que ja uma peça de seda
P'ra cauda é pouca porção!

Na dansa toda a attenção
Nós devemos empregar,
Para que o aperto de mão
Não nos possa escapar,
Nem o olhar de eompaixão.

Por entre o seu borborinho
Poderemos bem ouvir
Indiscreto segredinho,
Que faz a dama sorrir,
Com certo ar de gostinho.

No passeio ha mais ardor;
Vae-se no jardim gozar
Da lua o meigo pallor,
E á livre brisa soltar
Loucos protestos de amor.

E as velhas, que no salão
D'estarem se e assentadas,
Estão dando o cavacão,
Ficam tão *desconcertadas*
Que até mettem mpaixão,

Veremos, mui descansados,
Tudo isto observando
Alguns pais que, *endiabrados*
Andam em casa espiando
Das filhas os namorado

E procura distante
Morar, para as guardar,
São os proprios que *chibantes*
As vão alli entregar
Nos braços de seus amantes!

Vamos agora passar
A sala da jogatina,
Onde a arte de enganar
Tem feito na gente *finá*
Progressos de admirar?

Verás o *commendador*,
Que era ha pouco *taverneiro*,
Sem o menor pundonor;
Um simples *pelotiqueiro*,
Um *gatuno* disfarçado.

E sendo tudo isto real,
Havemos de concordar,
Que a um passa-tempo tal
Só se pode o nome dar
D'escola pouco moral.

Amigo, estou fatigado,
O repouso vou buscar,

Fique o baile adiado,
Ou antes, se te agradar,
Dêmo-lo por acabado.

(*Continúa*)

DEFINIÇÃO DA PALAVRA — HONRADO.

(SEGUNDO FORTUNATO DE LIMA.)

«Honrado, é uma palavra com que se costuma distinguir —

«Os grandes banqueiros fraudulentos.

«Os *valentes* generaes, sugadores das quantias applicadas as despezas da guerra.

«Os ministros sorvedores das verbas eventuaes.

«Os deputados e senadores, enxertantes da lei do orçamento, em proveito da *abençoada* barriga.

«Os magistrados, negociantes de sentenças.

«Os commerciantes, usurpadores da fazenda alheia.

«Os enviados e negociadores diplomatas, sacrificadores da honra e dignidade nacional.

«Os *grandes* estadistas, cerceadores das liberdades individuaes.

«Os *abalizados* financeiros, naufragadores da riqueza publica.

«Os assassinos da honra e da paz das familias.

«O chefe e empregados de uma repartição relaxada.

«Os padres devassos e corruptores dos dogmas e costumes religiosos.

«As authoridades invasoras da lei e da justiça.

«Os *extrenuos* politicos, arranjadores de eleições á ponta de bayoneta e actas á bico de penna.

«O militar, que na campanha paga *conscienciosamente* o pret dos seus soldados.

«O *economico* presidente, que com mais franqueza esbanja os dinheiros da provincia.

«E finalmente:

«O povo que não sae d'uma estúpida inercia para reagir contra a desmarcada preponderancia e arbitrariedade em todos os sentidos dos intitulados dominadores da terra.»

(Do *Mercantil* das Alagoas.)

A PEDIDO.

Soneto.

Si quereis, bom monarcha, ter soldados
Para desaggravar da patria os brios,
Mandae arrebanhar estes vadios,
Que vivem por aqui desempregados.

Que marchem escrivães dos delegados
Em paga de seus tantos desvarios;
Vão escutar da bala os assobios
Da *guarda* tantos moços reservados.

Mas, si quereis legiões a cento e cento,
Tocae das nacionaes repartições
A todos os roedores do orçamento:

Comerão ao almoço mil canhões,
Farão as onze com o acampamento;
Limparão ao jantar vinte Assumpções.

(*Lanterna Magica.*)

AO ILLM. SR CONSUL DE PORTUGAL.

Anda por ahi, ha tempos, á invocar a charidade publica, um portuguez, morador á freguezia de Santo Antonio, o qual não apresenta defeito algum, que o torne digno de compaixão.

Este especulador é moço, forte, e bem pode dar-se ao trabalho, em vez de andar mendigando o pão da charidade para sustentar uma mulher com luxo, e ter casa bem mobiliada.

Um patricio desse mandrião, vendo que elle podia trabalhar, quiz empregal-o em uma obra, que estava fazendo, pagando-lhe a quantia de 1\$ rs. diarios; porem elle respondeu, que em suas esmolas tirava muito mais.

Bem vê S. S. que não se deve tolerar que ande pelas ruas desta cidade um especulador, á invocar a charidade publica, que só é para aquelles que, por molestia ou outro qualquer incommodo, estão inteiramente impossibilitados de trabalhar, não para quem quer sustentar mulher com grandeza e ter vicios.

Além desse ha um outro idiota, que soca-se na egreja do Collegio, põe-se a gritar e praticar outros actos, na occasião em que se celebra o santo sacrificio da missa, ou quando não, vae para a Praça de Palacio tratar da politic

actual e da guerra do Brazil com o Paraguay.

Nestes termos, pois, espera-se que S. S. dará as providencias necessarias.

—Mais um testamento falso!

—E' *chalaça*.....

—Serio.....

—Onde?

—Não sei.

—E como falla?

—O Manuel do *Filho de S. José* é quem sabe.

—Va chamal-o.

—Foi para *Nagé*.

—Mas o que dizia elle?

—Que, tendo uma molestia grave, suppozeram que batesse a cassuleta. Um menino, encarregado de fazer-lhe o testamento, teve a habilidade de encaixar uma declaração de divida de 5:000\$ rs. a um seu parente, que anda la pela guerra; de sorte que, si o homem não escapa, V. sabe que os mortos não fallam.

—Isto é que é gana de empalmar o que é dos outros!

Fortes Cains da humanidade!

Xô, aves surripantes!

—Nada de *chalaças*; depois não quero que me propinem alguma dose de *arsenico*.

—La vae o tenente Metralha, *Cangambá Furacão Cutilada*.

—Pelo nome, vejo que a *pezeta* não é boa.

—Tambem não é peor que o diabo. Os poucos defeitos que tem são ser insolente, intromettido, bajulador, intrigante e refalsado.

—Na verdade são bellos predicados! Para onde vae aquella *caboca* de *surucuá* em dia de chuva?

—Para o quartel dos permanentes.

—Ah! elle é dos permanentes?

—Anda lá vendo se *embeça* o logar de fiscal por meio de *tricas*.

—E elle tem coragem de querer ser fiscal com aquelle bonet de abacato, sem correas, sem botões, com a corôa azinhavrada, com a farda russa da *côr* de ferrugem?.....

—Não sabe porque a farda está d'aquella *côr*?

—Não.

—E' por causa dos pós, que elle deita nas barbas para tingil-a, que cahem sobre ella.

—Que *cousinha* desfructavel! Parece um *S Braz* com aquellas barbas!

—Metten-se-lhe na *cacholla* reformar o corpo e que é maltractando aos que lhe estão *inferiores* que o conseguirá.

—E elle o que tem com a reforma do corpo?

—Julga que por ser companheiro do *maior* está authorisado para tanto.

—Bom! Antes elle fizesse como o *Hemigildo*; fosse para a campanha.

—De la veio elle, onde fez proezas de valor, tanto que era sempre mandado para a guarda avançada.

—Va V limpar a mão á parede mais elle Para a guarda avançada vae-se por castigo.

—Pois elle conta muitas *façanhas* obradas por elle e dá por testemunha o *Amaral*.

—Elle pelo *geito* não passa de um *poltrão*.

—Menos de *lingoa* que é valente para com os pobres subalternos, a quem baptisa de relaxados a toda hora e quer que os pobres homens se conservem n'uma rigorosa disciplina e n'um exagerado uniforme fora da regra militar.

(*Continua.*)

VARIÉDADE.

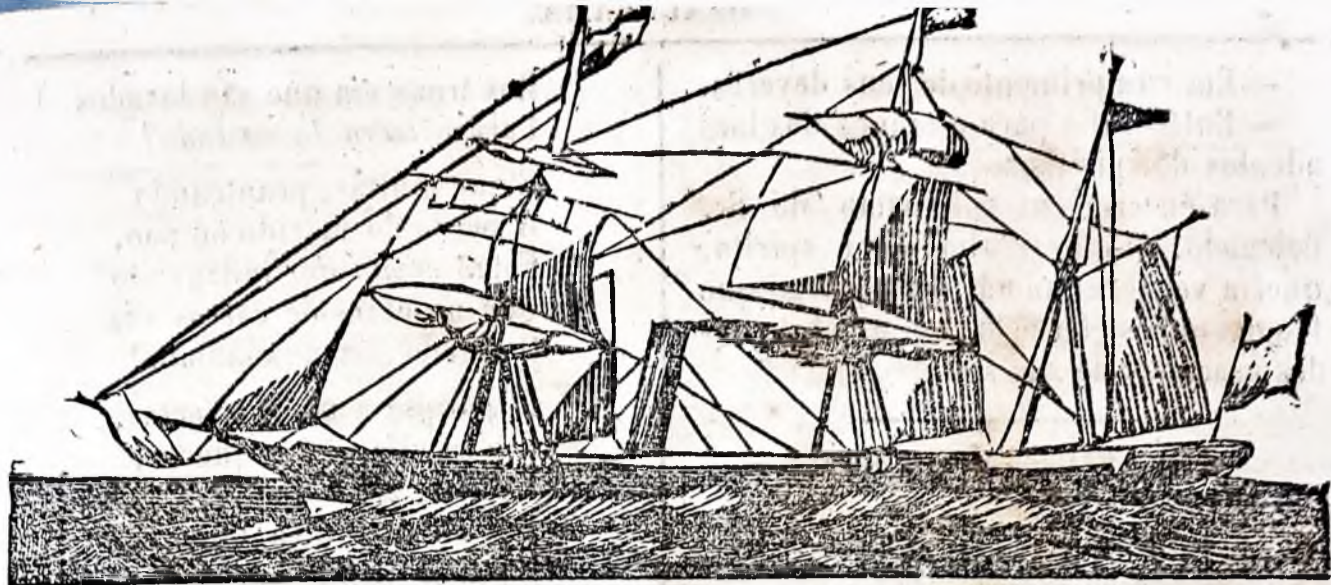
—A vida é para mim uma carga insupportavel, porque me vejo só sobre a terra: perdi todos os parentes, todos os amigos.....

—Como! pois tambem morreram todos os seus amigos?

—Não, mas enriqueceram; é a mesma *cousa*.

ANNUNCIO.

Fugiu no dia 4 de julho da casa do capitão Vignes, o cabocolinho de nome Ostilio, levando vestido camisa de riscado azul e calça de brim liso. Quem o agarrar e levar em casa do dito capitão, será generosamente gratificado.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

16 DE JULHO DE 1867.

SERIE 23.^a—N. 230.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 4.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 números, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de julho de 1867.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, appellando para a sua piedade e fervor religioso, afim de que não continue a ficar exposta á irreverencia dos impios e motejo dos capadocios uma Imagem do Santo Christo, esculpida na parede da Sé, do lado do palacio de S. Ex. Revma. Espêra-se merecer a attenção de S. Ex. Revma.

—Ah! maganão! armou-se, heim?

—Tetéas, capitão, tetéas. A gente não ha de viver somente agarrado a uma mesa, á espera de rendas duvidosas.

—A gorgeta foi boa?

—Bagatella.

Isto mesmo para dividir.

—V. não comeu só?

—Quem come só se engasga.

—De que valor era o papel que foi para carimbar?

—O fica?

—Eu sei lá si é fica ou vac?

—Não entendo.

—O objecto sobre que versou a negociada, de quanto era?

—De 13:000\$ rs.

—E quanto devia pagar o tal negociante de massas, licitamente?

—10 por cento para revalidar.

—Porem V. arranjou o negocio...

—Por maneiras..... fez-se uma emenda, etc., etc.

—Foi isso mesmo que elle me disse.

—Pois elle anda contando uma cousa, que pode me comprometter!

—Encontrei-o na padaria do Eduardo e contou-me o caso tintim por tintim.

—Expondo-me assim a sobre-saltos!

—Ora, esteja V. quente e ria-se a gente; quem vae lá pesquisar essas ganancias?

—Um dos dogmas da doutrina spiritica, se me não engano, é não praticar mal contra o proximo.

—Justo.

—Nem constranger a liberdade de ninguem.

—Sim Sr.

—Mas, eu vejo o Sr. delegado, que consta ser um dos afferrados na seita, fazer todos os dias prisões, recrutar o enviar individuos para bordo.

—Em cumprimento de seus deveros.
—Então sebo para a crença dos taes adeptos do spiritismo.

Para eu crer no spiritismo do Sr. delegado, si elle realmente é spirita, queria vel-o renunciar a um cargo que tão em opposição está com os aprogoados preceitos de sua seita!

LA VAE VERSO. CARAPUÇAS.

(Conclusão)

Querer o mundo reformar,
Seria grande locura;
Deixal-o assim caminhar,
Pois a molestia é sem cura,
Escusado é medicar.

Neste tempo pretender
A' honra o genio ligar,
E á honestidade fazer
Todo o brilho realçar,
E' qu'erer de noite o sol ver.

Não vês que o seculo empenhado
Nas luzes e no progresso,
Para não ser metralhado
Pelo maldito regresso,
Tornou se encouraçado?

Não sabes, que só pobreza
Ha de ter, quem com as letras
Quizer arranjar empreza;
Porque hoje só as *trêtas*
E' que conseguem grandeza?

Não vês que valor real
Só tem o *filho* da terra;
Esse fulvoso metal,
A quem todos fazem guerra,
Para serem seu egual?

Que é, com toda a pureza,
Aquillo que mais se ama,
Porque do brilho a nobreza
Dá titulos, saber e fama,
E encobre toda a torpeza?

Accusas de ser impura
E immodesta a caridade!
Devéras, tens a loucura,
De queres achar verdado
Onde ha só impostura?

Dizes que até a vaidade,
Especula com os finados.
Na pomposa fatui lade,

Dos trens em que são levados
Para a *terra da verdade*?

E que muitas, pranteando
A perda do marido ou pae,
Estão *com a dor* indagando
Que numeros de carros vao
O finado acompanhando?

E' porque é moda affectar,
E p'ra ella não esquecer,
Vão, *no meio da dor*, tratar
Dos enseites p'ra apparecer,
Na missa, onde vão chorar.

Na missa d'ostentação,
A' qual se segue o cortejo
E o aperto de mão;
Si o *discurso* do ensejo,
Não vae servir de sermão.

E terás inda a candura,
De querer enxergar a verdade
No meio de tanta impostura?
Não vês qu' è só a vaidade,
Que domina a creatura?

Pretendes que o especulador,
Que dolosa quebra abriu,
Não ostente esplendor?
Não sabes que quem falliu,
Foi somente o seu credor?

Não vês ahi mais d'um *banco*
Virado já em tripeça,
E sem dizer qu' está manco,
A todos pregando peça,
No seu ultimo arranco?

Queres tambem qu'a toda dama
Eu censure com aspereza,
Quando *por causa da fama*,
As faltas da natureza
Supprem com algodão em rama?

E que deprima o chapéu,
Em sórma de covilhete,
Com duas varas de veu,
Chamando-lhe *inutil barrete*.
Ou esturdio solidéu?

Stas fazendo em mim nascer
Maldosas inspirações,
Para que toque, sem querer,
Chuleiras variações,
Tendo por thema a mulher?

Não vês que muitas, coitadas,
Não fazem mal a ninguem?
Si ás modas são devotadas,

E' por quererem parecer bom
E bem serem reparadas?

Si namoram a quem passa
É o vizinho tambem,
Não vejo que isso faça.
Damno a ti nem a ninguem,
Salvo si alguma te ombaça.

Mas bem vês que s'eu tocar
Nos tons qu' estás a escolher,
Posso bem desafinar,
E os ouvidos offender
De quem me for escutar,

Deixemo-nos disso amigo,
Porque a musa qu' é mulher,
Põe o poeta em perigo,
E eu não quero agora ter
Um tão poderoso inimigo.

(Ext.)

A PEDIDO.

—Faz favor de ouvir-me?

—Com summo gosto.

—Depois emitta seu juizo á respeito.

—Um homem briga com sua amazia e da-lhe algumas cassuletadas, cousa de pouca monta, que dahi á meia hora estava esquecida e reinava entre ambos perfeita harmonia: na hora mesmo em que consolidavam a paz e ractificavam as bases da conciliação, vê a authoridade cercar-lhe a casa, arrombar-lhe a coices o quarto de dormir e prendel-o.

—Abuso, abuso.

—Dias depois, tres desordeiros, peito-largos de eleição, espancam mortalmente um homem e refugiam-se em casa de um *batedor* de chapas; a gente de farda cerca a porta, mais a authoridade manda retirar a força e facilita a fuga dos criminosos, mandando-os que fossem para o mar, que, por ser *grande*, dá guarida á impunidade.

—Não é um exemplo de rectidão e igualdade?

—Que quer? *Jure* que em quanto tivermos authoridades partidistas e além disso estupidas como *ema*, ha de acontecer disto.

—Vamos resfolegar abi pelos suburbios da cidade?

—A minha é sempre a sua vontade.

—Então levante o acampamento.

—Estou prompto.

—Vamos por aqui.

—Pela *Fonte Velha*?

—Sim. Subamos á ladeira dos **Forcados**.

—E agora, que estrada tomaremos?

—A do *Mata-eu*.

.....
—Entremos pelo portão desta *quinta*.

—De quem é ella?

—Foi de uma *beata* em outro tempo.

—Que lindo roçado de *mucugês*! vamos colher alguns?

—Deus nos livre!

—Porque?

—O dono daquella roça é um homem que tem morte nas costas; ja matou um escravo.

—Por tirar algum *mucugê*?

—Não, tinha um preto, que gostava de tomar seus *pileques* quotidianamente. Um dia lembrou-se de prespegar no infeliz uma mordaca sem respiração e mandal-o por castigo subir e descer uma ladeira com um barril d'agua á cabeça; quando o escravo chegou a primeira vez ao cimo da ladeira cahiu asphyxiado.

—E o crime ficou impune?

—Porque não?

A unica testemunha do caso foi o *Vallesques*, seu visinho, que guardou segredo até hoje.

—Em que tempo foi isso?

—Dous para tres annos.

—Quantos factos como este não andam por ahi envolvidos em mysterios.

Si eu ja embirrava com logares de matto, com o que me acaba de dizer, ainda mais.

—Então voltemos.

(Continúa.)

Pede-se a certo meliante, o qual, so, *ares* toma na *malta d'ouro* pertencente ao *Martins*, que por sua honra explique d'onde houve os cinco contulos para caucionar como deposito, porque não podendo sua acreditada prosapia achar em *Latronopolis* quem delle se fiasse, parece impossivel que podesse obter essa quantia por cmres-

4
timo: pois estamos certos de que o digro e *superior intendente* dos viventes de pelle grossa, depois que deixou de andar de *camisão*, vivia sempre na quebradeira.

— Viu o *sarceiro* no theatro no sabado 13 do corrente?

— Vi. Os espectadores quebraram os bancos na platêa e deram solemne pateada no empresario.

— E a razão disso, sabe?

— Foi porque a empreza annunciou levar á scena a *Panella do feitiço* e na hora da representação logrou aos espectadores.

— Que razão deu o empresario?

— Nenhuma.

Constou na platêa que *alguem* sahira vestido de mulata atraz da Eugenia Camara.

— E a policia?

— Conservou se no seu antigo *statu quo*.

— Os espectadores tiveram razão de assim proceder.

— Fizeram muito bem.

— Consta que vac pedir demissão um agente fiscal, intimo e fiel amigo do Sr. Dr. Soares Martins desde o tempo que S. S. foi juiz no Camisão.

— Com que fim?

— De escrever um jornalzito de accordo com mais *alguem*, para descompor aos que não forem affectos ao tal Dr.

— Está no seu direito, cada um serve como pode.

— E dizem que nem o Sr. Azambuja escapará da dança, para não se metter em negocios de bois, que não entende.

— Então querem que o homem se resuma a um papel de leigo cumpridor de ordens?

— Parece.

— Elles se entendem; sua alma, sua palma.

— Constando ao abaixo assignado, que o Sr. Bento Martins de Lima e Mello procura saber o seu nome e de que quartelirão é inspector, recorre ao alto

da imprensa para declaral-o formalmente.

E' inspector do 6º quartelirão da freguezia do Pilar, ha 7 annos, morador na mesma ha 21 e reside no sobrado n. 27 á rua dos Coqueiros d'Água do Meninos, e bem assim protesta contra qualquer attentado que traçoicamente se queira praticar contra sua existencia; porquanto, percorre as ruas da capital sem receio, por não ter inimigos. Bahia 13 de julho de 1867.

Candido Polycarpo Mont-Nero.

VARIETADES

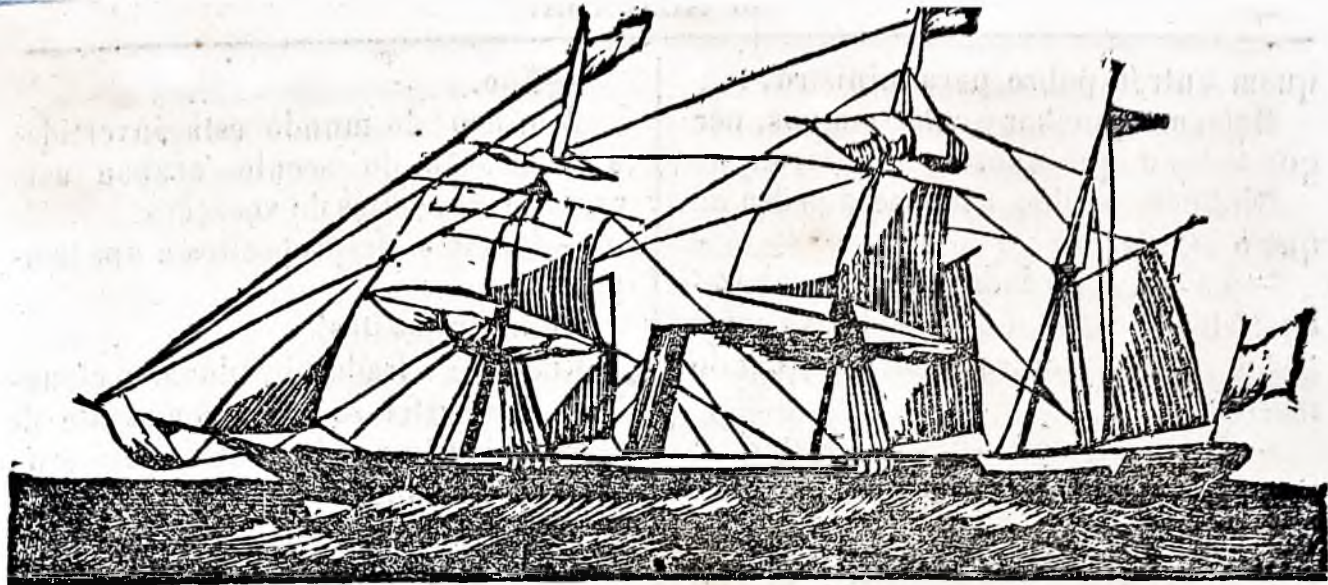
Doia a um sujeito muito patêta um dente, e mandou chamar um dentista que muito lhe gabaram, para lho tirar, e como não ousava tocar no dente, porque lhe doia muito, disse ao dentista, que lhe tirasse primeiro um dos sãos, para experimentar si os tirava sem dôr; o que o dentista praticou.

Indo um homem tirar um dente, disse-lhe o barbeiro que lho tirava por seis vintens; tirado o dente, e dando-lhe doze vintens para receber a demasia, como o barbeiro a não tivesse, nem houvesse quem trocasse o dinheiro, então disse o paciente: «V.ª, Senhor mestre, não ha de ficar com seis vintens á gogosa; neste caso tire-me outro qualquer dente, e ficaremos pagos. « O que o Barbeiro fez com a maior promptidão.

«Compade Xico.—Hontem o Doutô calorindo desta villa passou uma arreceita sobre sua comade mia mulhé que tem estado nos abismos. Antes d'elle arreceitalla aparpôa, e em primeiro logar dixe que a doença de estambo que ella sufria, vinha de uma afflicção da virginia, que pelo que me dixe elle era mais promode artificios do que pro estambo da Falfolia. Antance si você tem o arremede para as falfolias mande a arreceita pronta e que muito obrigado lhe ficarei, estimarei que a obrigação esteje boa e Deus lhe paga seus bons desejos»

ANNUNCIO.

Os herdeiros do finado José Ricardo de Santa Anna vendem tres frentes de casas em terreno proprio, silas á rua nova do Queimado. Quem pretender dirija-se a esta typographia, que so lhe indicará a pessoa encarregada de fazer esta venda.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

18 DE JULHO DE 1867.

SERIE 24.ª—N. 251.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14
1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6
series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações.
Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a serie 24 do *Alabama*.
Pede-se aos senhores assignantes a-
trazados que lembrem-se dos amigos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do
Alabama 17 de julho de 1867.

Officio ao Exm. Sr. presidente da pro-
vincia. — Propalando a voz publica
que entre os officiaes de policia ha um
dispensado por doente, ha mezes, e que
entretanto exerce o emprego de caxeiro
em uma casa commercial; é de ur-
gente necessidade que V. Ex. se digne
mandar, que o commandante do dito
corpo informe, si na verdade ha nello
esse *feliz*, para quem está *aberto* o co-
fre da condescendencia, ganhando sol-
do sem trabalhar. E no caso de assim
ser queira V. Ex. dar as providencias
que julgar acertadas.

— Os discursos dos Srs. S. Lourenço
e Cotegipe tem sido uma brilhatura no
Areopago brasileiro.

— Elles cantam bem, porem é que a
mim não entoam.

— Então não tem gostado de ver a ma-
neira grave por que elles tem profliga-
do os abusos e desmandos do poder, a
energia com que accusam a compressão,
com que o governo agrilhoa o paiz, a
censura vehemente aos gosos, que estão
fruindo os ministros por effeito do pro-
veito, que tiram das pastas, que occupam,
as sinecuras dispensadas aos afillhados,
os esbanjamentos para adquirir pro-
selytos?

— Tudo isso é muito bonito para
quem come caraminholas.

Condemnam aquillo, que ja pratica-
ram em larga escalla, e que praticarão
amanhan, quando galgarem o poder.

— Que homem inconcebivel é V.!

— Ora qual! Pois eu creio la nas
lamurias desses marrecos!...

Pode nunca fallar em compressão,
quem mandou espingardear o povo na
porta do theatro, para sustentar um ca-
pricho em antagonismo com a vontade
nacional? quem mandou espalhar o
povo á patas de cavallo, na noite do 4
de julho, no Maciel de baixo? Pode fal-
lar em corrupção e immoralidade quem
no seu tempo viu as portas da policia
arrombadas e subtrahidos os papeis da
moeda falsa; pode accusar de gos os

quem entrou pobre para ministro....

Homem, o melhor é calar-mo-nos, por quo todos o que querem é se arranjar.

Ninguem melhor conhece a pedra do que o lapidario.

—La isso é verdade; quem ja saboreou certos bocados, é que pode avaliar o gosto, que os outros sentem quando mastigam.

—Então deixemo-nos de historias; por que em tudo isso o povo é o manequim da força.

—O presidente da provincia classificou o commandante superior do Conde de miopo.

—Serio?

—E' a conclusão que eu tiro do seguinte:

«*Expediente do dia 6*—Officio ao coronel commandante das armas.—Dos quatro guardas nacionaes vindos do municipio do Conde, de nomes Manuel Maria Grillo, José Pereira de Araujo Filho, André Corsino de Almeida e Vicente Ferreira Lima, que a V. S. foram remettidos, mande pôr em liberdade os dous primeiros, visto que *pela simples inspecção occular* se reconhece serem de MENOR EDADE, ENFERMOS e de constituição debil, e assentar praça nos dous ultimos, depois de escrupulosamente inspecionados de saude.»

—Si houvesse responsabilidade para os factores de taes abusos, elles não os repetiriam tão frequentemente.

A PEDIDO.

—Si eu visse hoje um padre acabar da missa, ir sentar-se á porta de uma quitanda á vender pipocas não me causava isso o menor espanto.

—E si visse o militar, em vez de ir para o quartel, aboletar-se na torre de alguma igreja a mecher nos badalos dos sinos?

—Tambem não me causava abalo.

—Visto isso, não se admirava tambem, si o magistrado grave, depois de pronunciar no Forum alguma sentença condemnatoria, fosse para o circo servir de capinha.

—Não.

A ordem do mundo está invertida; a civilisação do seculo acabou com esses preconceitos de vocações.

—Quantos despropositos a um tempo!...

—Despropositos!

Quem vê o frade abandonar o claustro e converter-se em arrematante de obra, substituir o breviario pelo prumo e a enxó, deixar a cadeira evangelica para trepar no andaime, esquecer-se das regras e ceremonias de sua ordem para entender de vigas, ripas, pés direitos e cornijas, fugir da solidão monastica para metter-se entre burros carregados de cal e arcia e, em vez de dizer missas, fazer d'um giro mundano meio de vida, o que mais para admirar?

—Não me consta que frade algum seja mestre de obras, a excepção dos que dirigem as obras de seus conventos.

—Por *S. Bento!* Então, V. ignora que ha em Latronopolis um frade, cuja vida é ser arrematante de obras particulares?

—Em verdade, ignoro.

—*Domingo V.* tem o que fazer?

—Não.

—Pois havemos de ir á obra do *Verissimo* para vel-o de machado em punho a desbasta madeira.

—Quero ver para crer.

—Ouça esta, que é de um fidalgo progressista.

—*In primo loco* seu nome.

—Não sei, porque quem me contou o *milagre* não me disse o *santo*, que o fez.

—Neste caso contento-me só o *milagre*.

—Pois lá vae, tal qual me contaram.

Um fidalgo progressista, taboquado, mandou fazer umas roupas por um alfaiate francez; depois das obras promptas, mandou buscal-as e não tratou de pagar o trabalho do mencionado francez. O homem causou de esperar e vendo que a divida creava cabellos brancos, disse ao seu advogado que fizesse uma petição, chamando o tal fidalgo á conciliação.

Quando o *descendente da illustre estirpe* recebeu a intimação, ficou furioso e immediatamente escreveu uma carta ao francez, dizendo que estranhava a audacia de um alfaiate mandá-lo citar, manchando assim a reputação de uma familia *geneologica*....

—A isto eu chamo nobreza borrada.

—E eu, casa de *Gonçalo*, onde a galinha pode mais que o gallo.

Concluiu dizendo que no dia immediato mandasse cobrar o seu dinheiro, pois estava prompto á pagar, mesmo porque lhe era deshonroso achar-se em um tribunal com um artista!

—E pagou?

—Depois que massou bastante ao cobrador.

—Ahi está o que eu chamo fidalgo da epocha! Um caloteiro ter o atrevimento de tachar de audacioso ao artista, que manda cobrar o seu trabalho!

—E vem logo apresentando os seus foros de nobre.

—O que é que significa nobre em meu paiz?

—Eu cá decifro nobre assim:

Nobre é o caloteiro, que arranca o suor do pobre artista, e é tido na sociedade por homem de bem.

Nobre é aquelle, que rouba da pobre viuva, deixando-a na miseria e lançando suas filhas na prostituição.

Nobre é o progressista, que trabalha para subir ao ministerio com o fim de roubar os cofres do estado.

Nobre é o general, que rouba o soldo aos soldados, que expõe a sua vida em defesa da patria, e quando elles reclamam são logo recompensados com pranchadas no lombo.

Nobre é o que fabrica moeda falsa, porque é tido por homem honrado, além do titulo de barão ou visconde, que se lhe dá!

—Quando a somma da moeda é extraordinaria, dá-se-lhe logo o titulo de marquez, pelos *relevantes* serviços prestados ao paiz!

E são estes que chamam ao artista de audacioso, porque reclama seu trabalho, que não se lhe quer pagar!

(*Continua.*)

—Conhecco aquelle casmurro?

—Depois que o deitei ao pasto, é a primeira vez que o vejo.

—O sobredito cujo sobre quem conversamos outro dia?

—O da roça dos *mucugês*?

—Aqui-qui!

—Ab! é aquella firma? O *typo* não engana.

—E' um ente tenebroso. O Sr., que o vê passar, não ajuiza o peso de atrocidades e torpezas, que calcam sobre aquella consciencia.

Constante na maldade, com *tino* bastante para encobrir seus vicios, por longo tempo illudiu muita gente.

Si aqui estivesse o *Nunes*, lhe contaria factos de horrorisar.

Eu apenas lhe darei um esboço de quem é semelhante crocodilo.

Foi praça dos permanentes. Não sei como, enamorou-se de uma moça, que não era para elle, e foi correspondido; os parentes desta, para não vel-a perdida, compraram lhe a baixa por 400\$ rs. e casaram-no.

Houve depois uma revolta, em que elle foi rebelde; suffocada ella, deram-se perseguições inauditas. Para não partilhar da sorte de seus desgraçados companheiros, commetteu a infamia de denunciar seis, que estavam occultos n'uma rua, na casa de uns *capitães*, ao pé de uma *fontinha d'agua de gasto*, tendo a perversidade de indicar com tanta clareza o logar, que os soldados foram certinhos; o que seria impossivel, si elle, que somente sabia, não descobrisse.

Assim livrou-se elle torpemente da cumplicidade, que tinha na rebellião chamada *sabe nada*.

Correram os tempos: governava esta *Latronopolis* o cidadão *Ignacio Antonio de Azevedo*; tratou-se de melhorar o armamento da *guarda cidadan*.

Inculcou-se de armeiro, officio que não *sabia* para que lado ia, e tomou para *burnir* às cronhas e canos de todos os guardas da capital.

Por mil e quinhentas espingardas *burnidas* recebeu elle 12:000\$ rs!

—Boa pechincha!

—Boa ladroeira.

Mettido nos cobres comprou logo trez escravos e uma roça n'um sitio chamado de *Villas-boas*.

— Os tigres procuram as brenhas.

— Justo.

Appareceu nesta cidade um portuguez, cujo fraco era andar constantemente cheirando uma rosa, tanto que lhe deitaram o *appellido* de *Rosa*, quando seu nome era outro.

Era muito entendido em fumo e tabaco e tinha os arranjos para montar uma fabrica.

O homem dos *mucujés* foi procural-o e propoz-lhe deitarem uma fabrica de sociedade para reduzir fumo a pó.

O portuguez, na melhor boa fé, accedeu; assentou a fabrica, montou-a e po-la em movimento. Cresceu a usura no diabo do homem e procurou um meio para descartar-se do socio.

— Que traidor!

— E sabe de que pretexto valeu-se elle para desfazer a sociedade?

— Não.

— Do mais abjecto, ignominioso: pretexto, que repugnaria ao mais vil e imundo cangueiro praticar.

— Deve ser terrivel.

— Poz em duvida a fidelidade conjugal de sua esposa, senhora cheia de virtudes e de procedimento exemplarissimo.

— Que monstro!

— Sem motivo plausivel, fingiu-se dominado por excessivo zelo, fez um espalhafato, e com um facão cutilou a incorruptivel senhora, dando-lhe trez profundos golpes na cabeça. A senhora para escapar á sanha de tão possesso e feroz verdugo, refugiou-se na casa de uma familia visinha, senhora da fazenda *D'antas* e ahi, virtuosa como era, procurava occultar o furibundo procedimento de seu deshumano marido ás pessoas, que a iam visitar.

Eis á maneira indecorosa e hedionda porque descartou-se do socio.

Deus, porem, que não quer cousas mal-feitas, permittiu que dessa data elle não aproveitasse uma só fornada de fumo; todas queimavam, até que desperado, acabou com a droga.

— Foi pouco; merecia mais.

— Arrendou a roça, e foi morar na rua da *Indolencia*. A esposa, perdoando-lhe as offensas e injustiças recebidas, acompanhou-o; porem elle, alma de Satanaz, genio endiabrado, teve a perversidade de encerrar a infeliz senhora n'um quarto onde morreu.

Acabrunhada, opprimida de desgostos, ralada de afflicções, acabou a desditosa n'um quarto immundo sem ver á luz do dia.

— Para esboço, a cousa vae muito longa; guarde o resto para logo.

(*Continúa.*)

Chama-se attenção do Exm. Sr. capitão do porto para o escandalo de ter o menor Tibureio Tavares de Souza obtido licença no dia 12 a pretexto de tratar do rapto de sua irman, e se achar até esta data socado em casa, *fruindo prazeres* com a sua *Dulcinéa*.

A *Espia de proa*.

VARIÉDADES

Um rei, querendo matar um astrologo, perguntou-lhe si sabia qual o dia de sua morte. O astrologo, que desconfiava da desgraça, que o ameaçava, respondeu-lhe:

— Senhor, minhas observações fizeram-me conhecer que eu devia morrer um dia antes de Vossa Magestade.

O monarcha, atemorizado com esta predicção, teve todo o cuidado na conservação do astrologo.

O philosopho Bias, sendo preso por alguns ladrões, foi por elles posto á venda como um escravo.

Um *dandy* aproxima-se e o examina:

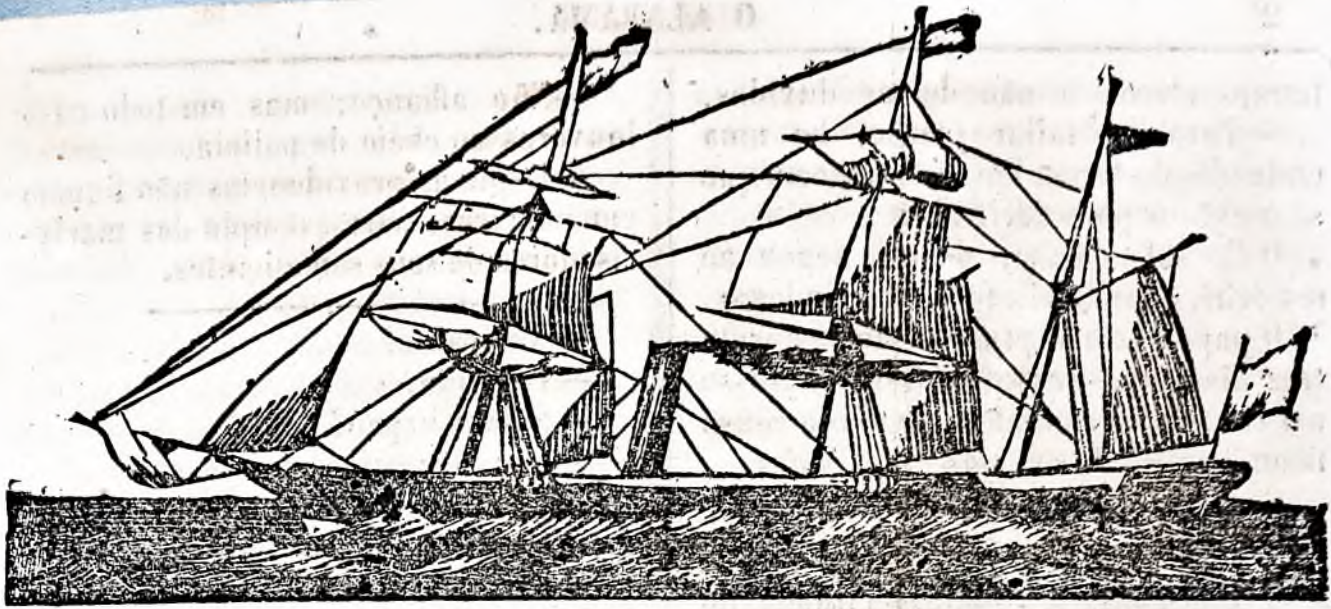
— Compra-me, lhe disse o sabio, tu tens precisão de um homem em tua casa.

Um dia, elle se achou no mesmo navio com uma multidão de malvados. Uma tempestade sobreveiu; todos estes miseraveis começaram a implorar Deus com grandes lamentos.

— Calae-vos, desgraçados, lhes disse o philosopho, si Deus percebe que ves achais aqui, estamos irremediavelmente perdidos.

ANNUNCIO.

Nesta typographia compra-se o n.º 312 do *Alabama* do anno de 1866.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

20 DE JULHO DE 1867.

SERIE 24.^a—N. 252.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14
1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6
series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações.
Ficha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do
Alabama 19 de julho de 1867.

Officio ao Exm. Sr. commandante das
armas, participando-lhe que nos infor-
mam de que, na ladeira do Alvo, passeia
todas as noites um individuo de nome
Ricardo, desertor da companhia de in-
validos, o qual, não imaginando que
tem culpa no cartorio, quer alli campar
de valentão e rixoso. Pede-se a S. Ex.
que, depois de verificada a identidade
do mencionado desertor, o mande re-
colher ao seu respectivo quartel.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do
Passo, despertando sua attenção ácerca
dos *sambas*, que ha constantemente no
Paraguay do Sr. Para-assú, á Estrada
Nova. Os sobreditos *sambas*, além de
não consentirem que os moradores da
Saude e ladeira do Alvo preguem olhos
á noite, acabam sempre em pancadaria,
resultado não só da *chanfornada* de que
são acompanhados, como da condicção
de gente de que elles se compõe, pelo
qual motivo é de necessidade que S. S.
dirija suas vistas para ali.

—Ao Illm. Sr. tenente coronel com-
mandante do batalhão 21 da guarda
nacional.—Constando que no batalhão
do commando de V. S. se dispensam
guardas, á pretexto de visitarem suas
familias, com condicção de perderem as
etapes, faz-se preciso que V. S. informe,
no caso de ser isso exacto, a favor de
quem recahe semelhante dinheiro.

—Capitão, V. Ex. é justiceiro.

—O que não entra em duvida.

—Não quererá, portanto, que pelas
falcatruas de um ou dous tropiantes,
soffra o credito de muitos, entre os
quaes se contam caracteres incorrupti-
veis.

—Nem Deus tal permita.

A que vem, porem, essa exhortação?

—Acerca de uma conversa que V.
Ex. teve outro dia com um meliante
que teve *lambança* para o *carimbo* do
um papel atrasado.

—E o que ha agora?

—Suspeitas sobre, muitos que não
são culpados.

—E o que quer que lhe faça?

Quem tiver a consciencia limpa, não
dê cavaco.

—Mas, V. Ex. podia pôr a cousa em

termos claros á não deixar duvidas.

—Para lhe fallar *franco*, ha uma embrulhada tamanha neste negocio que só o *author* pode decifral-a.

O C. sabe disso, porem negou ao *maioral*, quando elle foi á *torre* indagar.

O papel esteve preso n'uma gaveta trez dias; fez-se espalhafato; exigiu-se um *conto* para o arriango. Depois a cousa ficou *combinada* em *seiscentos bodes*.

Contente-se com isto, por ora.

—Enquanto a policia, reclinada no divan da inercia, espreguiça-se indolentemente, os ladões andam alerta e fazem a madrugada da rapinagem nas propriedades alheias.

Raro é o dia em que os jornaes não noticiam uma façanha da gente do olho vivo.

—Ha tempos, em que elles redobram de actividade.

—Ainda hontem foi victima o Sr. José da Cunha Carvalho Bastos: levaram-lhe do escriptorio objectos no valor de 1:000\$ rs.

—Apre!

—Tambem um dia destes amanheceu roubada uma venda no Campo Grande.

—Cada um que vá se prevenindo para não passar pelo mesmo, porque a policia pouco se lhe dá destas cousas.

—Ha gente que de humana só tem a forma.

—E a especie.

—Até nisso podó haver duvida.

Verdadeiras naturezas de serpente, parecem que são o fructo dessas transacções estupendas, a que muitas vezes o vicio carnal leva a fraqueza humana.

—Eu lhe creio.

—Digo isso, porque só uma natureza de hyena teria coração para seviciar um seu semelhante, pela maneira por que eu vi um pobre creoulo ante-hontem.

—Seria o escravo de um tal Carybé?

—Não sei o nome do verdugo. Sei que a victima estava no mais lamentavel estado.

—Si foi o do Carybé, a policia já deu providencias.

—Não affianço; mas em todo caso louvores ao chefe de policia.

—E que as providencias não fiquem em palavras, para exemplo dos martyrisadores de seus semelhantes.

—Aspirante!

—Prompto.

—Sabe Curuzú?

—Capitão, nunca fui ao sul.

—Como anda V. atrasado! Curuzú é uma bodega no Terreiro.

—Sei, sei; é uma hiboca com seis meias garrafas de cerveja, quatro botellas de caxaca, uma de anizete e uma banca de dominó.

—Sim, Sr.

E' preciso acabar com aquella *trapisonga*.

—Sem motivo plausivel?

—Si não houvesse motivo, eu não lhe mandaria.

Commette-se ali actos indecorosos, offensivos á moral e repugnantes á decencia.

Ainda ha quatro dias *espiritualisaram* lá uma rapariga e pozeram em scena um *passo*, pouco coherente com a castidade.

—Vou cumprir suas ordens, capitão.

Não acha porem, bom que me entenda primeiro com o Sr. subdelegado da Sé?

—Como quizer.

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Lendo o n. 6 do periodico *Trovão*, encontrei nelle uma publicação, que tem por titulo—*Bom caloteiro*—convidando o irmão de *Santo Estevão*, que se dedica á *musica*, para pagar os generos, que tomou fiado na venda debaixo de certa *directoria dos estudiosos*, na importancia de cinco mil rs., e como possam attribuir esta allusão á mim, por ser musico e ter egual nome, venho á tribuna da imprensa declarar que nunca comprei cousa alguma na mencionada venda. Bahia 19 de julho de 1867.

Manuel Estevão da Porciuncula.

Pergunta-se a certo promotor, si sua residencia é nas *mattas* de sua comarca

ou aqui nesta cidade; si é aqui acho melhor que vá para as *pedreiras* ou então que seja empregado nas *mattas* e more na *França*. Responda ou cohiba-se.

O visinho do forum.

— Isto é uma cousa insupportavel! Pois aquella *madre Maria* entende que eu ãe devo mudar desta casa para vir morar nella o seu namorado e anda-se empenhando com o proprietario para me deitar para fora!

— V. tem cousas! Onde já viu reclusa ter namorados? E' porque ella dá-se com a familia do homem.

— Engana-se! Sou capaz de lhe jurar em como é namorado della.

— E eu juro-lhe pelo *esposo da Virgem*, como apenas elle é seu procurador.

— Valha-me *Nossa Senhora da Lapa*.

Pois V. está vendo o interesse que ella toma pelo homem, que até, quando elle foi demittido, ella mandou ao *governador* uma carta se empenhando e ainda duvida?

— Deixe a pobre moradora do claustro.

— Está V. defendendo muito esta freira, estou desconfiado.

— Ora vá elle!

Credo politico progressista.

Crêmos em o *deus padre progressista todo poderoso*, o qual é o Sr. Marquez de Olinda, com todo o seu *filho-tismo* os Srs. Zacarias, Saraiva, Silveira Lobo, Sá Albuquerque, Saldanha, Souza Carvalho, Dantas, Espiridião o companhia; e no *espirito-santo*, que é a posse das posições officiaes orçamentadas, ordinarias e extraordinarias.

Crêmos nelle, o nosso *deus*, porque foi o creador da *liga-progressista*, que nos deu esta edificante situação governamental, que tem o ceu no ventre e a terra na ganancia!

Crêmos nelle, como o *Jesus Christo* da mesma *liga-progressista* por ser o salvador e redemptor do merito e prestimo de nós outros *renegados*, apostatas e bagagem do partido *conservador e liberal*; e mais por ser elle o unguido com a unção do espirito—impecavel

e divino desta terra; e ainda porque, nós, os seus *filhotes predilectos*, somos da mesma essencia do *pae*, sendo delle os filhos por *geração politica—emprego-eracia!*

Crêmos nelle e no seu *espirito santo*, por serem os *nossos senhores e possuidores*, e tambem deste povo pateta a quem os senhores estão reunidos com seus e nossos exemplos, *virtudes e sangue*, e hão de julgar e fazer julgar no *dia do juizo!*

Crêmos nelle, porque não só *nasceu*, como nos fez rascer do *purissimo ventre da liga* com o *baptismo* e protecção da corrupção official e eleitoral, que se fizeram para bem de todos nós, por conta dos dinheiros publicos, que são o suor do pobre povo laborioso, dos agricultores e operarios de toda ordem, o toleirão do *bode expiatorio* dos nossos peccados gananciosos; e porque *deixou* os liberaes e conservadores livres do *parto* e depois do *parto da conciliação e da liga*, dupla virgem fecundissima que nos tem gerado para honra e gloria desta sociedade brasileira!... e da monarchia!

Crêmos nelle, porque padecerá *com nosco sob o poder* dos homens publicos de pundonor e dos politicos de consciencia e de opinião, quando esses, por nosso mal, vierem a alcançar o governo do paiz, mas que, por cautella, em quanto o não conseguem irão sendo crucificados pelos *nossos ventres*, verdadeiros *poncios pilatos* da politica e dos orçamentos do Brasil, porque havemos de fazer todos os esforços por *matar e sepultar* quanto tólo de homem honesto e de merito real e serio houver!

Crêmos nelle, porque hade descer, com toda a nossa *illustre* companhia e firma aos infernos da execração publica, que é o premio das nossas virtudes, para então resgatarem-se as almas nobres, as consciencias sans da politica e os martyres, que temos feito com a guerra de honra, a qual transformam-os em *industria mercantil* e de arranjos, pois são essas almas nobres, essas consciencias sans e esses martyres, as verdadeiras almas dos *santos padres*

que pregam as doutrinas salutaras, e por ellas foram ponthoradas por nós outros da liga-progressista e então hão de resurgir ellas, que não se damnaram nesta degradação dos sentimentos da dignidade humana, postos em contribuição rigorosa para as vantagens e pelo interesse do nosso ventre!

Cremos nelle, que hade subir com toda a gente *progressista* ao ceu do desprezo da nação, e da viadieta da opinião publica e justiça da historia, e lá sentar-se á direita do outro Deus todo poderoso, que é a causa essencial e suprema dos grandes infortunios e desastres deste paciente e resignado povo, porque nos tolera, sustenta e protege com sacrificio real da honra e da integridade futura e soberana do Brasil; por cuja opinião publica e justiça da historia, havemos de vir a ser julgados!

Cremos finalmente, e sobre tudo, na tendencia e espirito de corrupção; nas igrejas das posições officiaes e dos productos do orçamento; na harmonia e communicação das mediocridades industriosas, que não têm que perder e a quem todo o mundo pertence, na pratica dos abusos e violencias escandalosas; na ressurreição sempre prompta do estomago, na vida da immoralidade e apostasia.

Amem!

Obra heretica de frei de Goes.

(*Ext*)

—Iaya, tenho-lhe muita amisade, morro de amores por V.

—O Sr. falla serio ou graceja comigo?

—E' serio, meu anjo. Quero-lhe dar um vestido cosido por minhas proprias mãos, para V. deitar no dia do Senhor do Bomfim.

—Agradeço-lhe a boa vontade.

—Então recusa a minha offerta?

—Deixe-me, Sr!

—Receba ao menos esta caixinha, que contem diversos frasquinhos de deliciosos cheiros.

—Ora não me masse, faz favor!

—Pois, iaya, nem uma carta minha

V. pode receber? V. não viu que por sua causa estive escondido detraz de uma porta, d'onde sahi cheio de téas de aranhas; não viu que por estar feito um asno a olhar para V., tomei um couce de cavallo pelas pernas?

— Bem feito.

—Iaya, deixe ao menos beijar-lhe as suas delicadas mãos.

—Não me aborreça. Olhe que o Sr. é um renitente! Já lhe disse que aqui não entra ninguem; logo, é escusado o Sr. andar feito uma *barata* tonta, para baixo e para cima, quebrando suas pernas e me consumindo!

—Eu já prometti á uma rapariga d'ahi, que, si ella me der ingresso, eu dar-lhe-hei uma saia nova.

— Toda prompta, provalvemente.

— Não, porque este alfaiate só pega na agulha para coser o vestido, que lhe quer offerecer.

—O Sr. tem-me cara de quem vira macaco em tempo de lua?

—Então V. me despreza? Eis-me aqui em seus pés! Me sove a seu gosto, ande!

—Retire-se, Sr.

—Não me escorne assim!

—O Sr. é um miseravel! Olhe para o papel ridiculo que está fazendo!

—Mas, iaya.....

—Ora vá plantar pepinos, que não estou mais para o aturar, meu paspalhão!

—Pois V. não me quer amar, ha de saber do meu fim!

—Que vae fazer então o senhor?

—Vou me deitar no rio a afogar.

—Ora não vêm que tolo este!

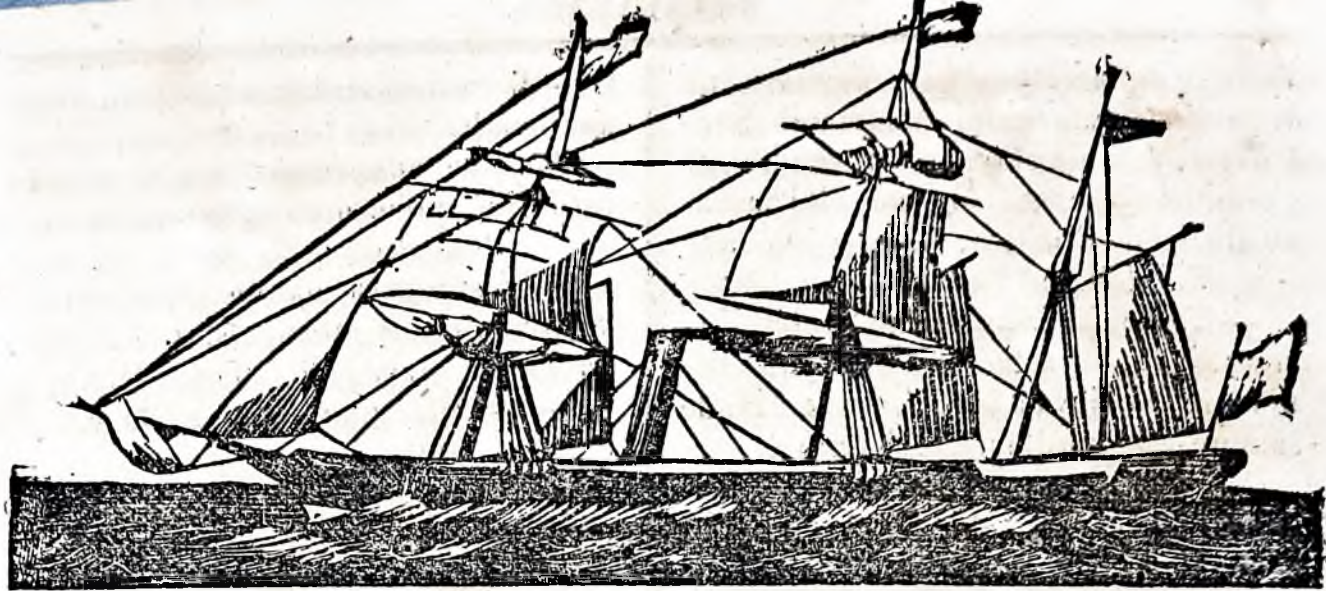
Si o Sr. ha de estar aqui a perder seu tempo, vá se contractar no theatro para fazer o papel de *Califurchon*, pois o Sr. é um verdadeiro comico.

—Meu bem, V. não acredita no amor que lhe tenho?

—Ora vá para o diabo que o ature!

VARIEDADE.

Uma Sra. descrevendo a enfermidade de seu defunto marido, disse: «estava ja em tal estado, (fazendo a acção) que bebia os caldiuhos por aqui e sahiam logo por alli.»



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 23 DE JULHO DE 1867. SERIE 24.^a—Ns. 233 e 234.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de direito em correição, levando ao seu conhecimento que no fóro ha officiaes de justiça, que exercem o officio sem estarem para isso habilitados, por não terem provisão, e, não convindo que continue semelhante falta, torna-se de indeclinavel necessidade que S. S. se digne mandar que os mesmos sejam coagidos a tiral-as *in continenti*, sob pena de perderem os logares.

Portaria ao muxingueiro, ordenando-lhe que agarre dous vultos, macho e femea, que se sentam todas as noites na porta da igreja de S. Pedro dos Clerigos e os conduza ao Custodio, o qual lhes deverá fornecer um commodo, assim de os livrar da necessidade de irem para a porta do templo celebrar finezas cupidaneas, á luz das estrellas em horas adiantadas. Cumpra.

—Ao Sr. fiscal geral, perguntando-lhe, si, passando duas vezes ao dia pela

rua do Imperador, ainda seus olhos não viram, nem seu nariz sentiu o fetido, que exhala uma immundicissima bocca do lobo, que ali ha; para levar ao conhecimento da camara e esta providenciar, fazendo assim crer que S. m. anda de olhos vendados e nariz arrolhado. Cumpra.

—Quem é o agente fiscal do matadouro?

—De onde?

—De S. Bento.

—Ignoro.

—Esse senhor, quem quer que seja, si não é cego, faz-se.

—Pilberia sua.

—Si elle andasse com os olhos abertos, não pactuava com o desaforo de certos cortadores, que exigem preço maior do que o cartão marca na porta do talho, como um dia destes fui eu proprio ver para me desenganar.

—Bem abertos que elle os tem.

—Então é destes, a quem a *brilhante claridade* da luz obscurece a vista.

—Hontem (21) á 1 hora da tarde, quando pregava o Revm. Sr. conego

Rodrigo Ignacio de Souza Menezes, na festa do Sacramento da matriz de Sant'Anna, manifestava-se incendio na chaminé da casa em que elle mora, ao Maciel de Cima, n. 4.

—E' infeliz esta casa.

—E' propriedade do Sr. Santos Moreira, e esta é a terceira vez, que por um triz não leva a breca, principiando sempre a mixórdia pela chaminé!

—Compareceram ao incendio os engenheiros Machado, Cirne, o major commandante do corpo policial, o chefe de policia e o subdelegado da freguezia.

—Depois do fogo extinto pelo povo.

—E dizem tambem que por um nada a Bahia não ficou sem a *Probidade*.

—Ella já é tão vasqueira aqui, que ninguem lhe daria pela falta.

—E' a *Probidade* loja, que ia sendo devorada pelas chammas.

—Ah!... os incendios agora são sempre aos dous!! Eu bem digo que o Sr. Azambuja tem cabeça de fogo.

—Quem sabe si elle é *mabaça*.

—Que damnados!...

Assim moleques!...

—V. acha graça nisso?

—Ora si!

Veja aquelle do 6º que formidavel cabeçada deu no de artilharia; e aquelle como vae cego, de bayoneta sobre o outro... Lá foi um de ventas ao chão de uma crouhada de espingarda.

—Por Deus, não ria-se disso!

Uma guarda de honra que sahe para acompanhar a procissão da Senhora do Carmo, sem nenhum acatamento ao acto, debanda-se no Terreiro para jogar as cristas com guardas de outro corpo, não é cousa de galhofa.

—Pelo que vejo V. quer lançar a culpa toda sobre a guarda de honra.

—Eganou-se; acho que todos merecem severa punição; muito mais quando estou ouvindo dizer que os guardas d'artilharia foram os provocadores.

—O esqueleto do palanque fica para o anno?

—O' xentes, gente, quem lhe contou?

—E para que deixam aquella mambomba em pé?

Para se admirar o talento estapafurdio de quem deu o plano, não é.

—Estou certo.

—Só si é para darem mais um divertimento aos moleques, que conservam ali a *ossada* do defunto palanque.

—Isso não, que ha um soldado noite e dia vigiando.

—E os cofres da provincia pagando mais essa despeza sem necessidade!

—Olhe que V. é um bocorio!...

—V. entra todos os dias, á certa hora, naquella caza, Sr. F.....

—E' pura verdade.

—Que vae fazer?

—Vou *arrumar*.....

—Fardos?

—.....fazenda grossa.

—V. é dos diabos!...

—Nem por isso...

—Intromette-se com *casca e tudo*, onde não é chamado!...

—Quem não gostar, morra triste.

—Capitão, chego agora de Nazareth.

—Traz novidades?

—Venho horrorisado.

—De que?

—Do mais revoltante acto de despotismo, que tenho visto em minha vida.

—O que foi?

—Hontem, 21, entrava pela cidade um homem ajujado de pés e mãos com grossas cordas, enfiado em um pau como porco e carregado por quatro matutos.

—Não soube o nome?

—Com a pressa de me embarcar não achei quem me dissesse.

—Estamos na mesma.

—Porem quando elle gritava — *como se amarra um homem, que já serviu ao imperador tantos annos e tem sua baixa* — lhe diziam: Caboclo, cala a bocca.

—Isso não adianta, si soubesse o nome eu ia já ao Sr. Azambuja.

—Mas, si elle quizer providenciar, pode mandar informar-se.

A politica.

No anno em que Herodes matou os

innocentes, deu um catharro tão grande no diabo, que o fez vomitar peçonha: e desta se gerou um monstro, assim como nascem ratos *ex-materia putrida*, ao qual chamaram os criticos Rasão do Estado, o esta senhora sahio tão presumida, que tratou de casar e seu pae a desposou com um mancebo robusto, e de pessimas manhas, que havia, por nome Amor proprio, filho bastardo da primeira Desobediencia: de ambos nasceu uma filha a que chamaram D. Politica, dotaram-na de sagacidade hereditaria e modestia postica.

Creou-se nas cortes de grandes principes, embrulhou-os a todos: teve por aios—Machiavello, Pelugio, Calvino, Luthero e outros doutores desta qualidade; seita, cuja doutrina se fez tão viciosa, que della nasceram todas as seitas e heresias, que hoje abrasam o mundo.

E eis aqui quem é a senhora D. Politica.

O JOGO.

As cartas de jogar foram introduzidas, no anno de 1390, em França, para entreter o Rei Carlos VI, quando cahiu em loucura.

O jogo é o dissipador dos bens, o sorvedouro das riquezas, o desperdicio do tempo, o escolho da innocencia, a ruina das sciencias, o inimigo das muzas, o pai das querellas.

Por mais pequenas que sejam as perdas diarias, que se fazem ao jogo, ellas não deixam de avultar. São como as pequenas chuvas que, cahindo por muito tempo, vem a molhar muito.

O jogo é um pégo, que não tem fundo nem praia. Desde que n'elle se embarca e se perde a terra de vista, é raro que ella se torne a ver.

O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos annos.

No jogo se perdem amizades, se contrahem odios; e se passa rapidamente da paz á guerra, da innocencia ao crime.

Si se empregasse no estudo o tempo e a sagacidade, que se emprega no jogo, o mundo estaria cheio de sabios.

(C. Bastos.)

LA VAE VERSO.

O GUARDA NACIONAL AQUARTELADO.

Que vida o qu'eu passo cá nessa guarita,
Do soldo mesquinho sem ter um vintem,
Soffrendo torturas conigo calado,
Sem nunca queixar-me da sorte a ninguem

Aquí não se vive—vegeta-se apenas,
Aqui não se dorme—só faz-se velar!
Aqui não se come que se encha a barriga;
Aqui não se bebe que possa alegrar.

Si quero ir á casa fumar o cachimbo,
Nem tempo eu tenho de bem cachimbar!
Si quero um agrado mostrar á familia,
Nem horas me sobram que a possa agradar!

Que duras saudades não tenho en de tudo!..
Des meus affazeres, do campo e curraes!..
E horas inteiras eu levo pensando
No gado, nas cabras, nos meus animaes....

Que tempos horriveis! que quadra medonha!
Que mundo de trevas...è tudo afflicção!
Os grandes só querem galgar os empregos
A custa do pobre ..da pobre nação.

Quando eu fui tirado para vir destacar-me,
Julguei que marchasse tambem para o sul:
Com esse receio passei algum tempo,
Pois via o negocio por ca bem azul.

O meu commandante, porem, qu'è—mitrado
Largar o chupête não pôde mais não:
E assim vai mamando calado, no fresco,
Na teta que dá-lhe pateta a nação.

Exposto á matraca ja fiz exercicio,
Tão bom que ja hoje não sei nada mais;
Si o meu commandante dizia—marchemos!
Eu ia, mas elle, deixava-se atraz.

E nessas—piegas—de marcha não marcha,
Se foram dons contos, dons contos de reis,
E a pança crescendo na linda creança,
E a patria soffrendo mais este revez.

Que gloria! que gosto! que alegre folia!..
Derrice-se os cobres da pobre nação!
P'ra corte mandemos um par de gallêtas,
E haja fistejo, festança e função....

(Extr.)

O COMPADRE DO MINISTRO.

O meu compadre é ministro...
Que ministro...que talento!...
Alem do mais, deputado...
Conselheiro...que portento!
E' tão sagaz...tão corrido...
E' tão grande...que ao ouvido

Dá conselhos ao monarcha!...
E é padrinho do meu João,
A quem sua protecção
Fará um homem de marca!

O meu compadre é ministro...

Figurão!

E que ministro! E' padrinho
Do meu João.

O' mulher, chama la fora
O nosso feliz Joãosinho,
Para ouvir tantas grandezas
Do compadre...o seu padrinho;
Ola, rapaz! pois que um dia,
El o vem;—mais bizzarria,
Hás de ser grande...potente!
Que não passes d'um camello
Não importa,—tens o sello
Do patronato vigente!

Ora escuta, ja soubeste,
Que teu padrinho é ministro,
E que por isso não pode
Ser teu destino sinistro;
Mas, não sabes...todavia,
Que è novidade do dia
Do compadre o talentão!
Por isso, rapaz, aprende
Com o astro que resplende,
Como sobe um cortezão!

Como soffre o meu compadre,
Dia e noite do nervoso...
Fez calar o jornalismo
Que o accusava raivoso...
Tudo mudou...que mestria!
Ora em prosa ou poesia,
O louvam por toda parte!
Para alguns...hom empreguinho,
Para outros...do bolsinho
Da policia...oh genio, oh arte!

O mesmo fez o compadre
Quando veiu o tres de maio;
O rumor da tempestade
O ameaçava d'um raio;
Porém, qual! Elle sabia
Como faz-se a maioria,
Como tudo aqui se alcança;
Custou caro, paciencia...
Oh, que sonante eloquencia
Foi necessaria á bonança!

Inda as vezes eu me rio
Do que teu padrinho fez;
Aprende, Joãosinho, aprende,

Pois chegará tua vez:
Aos clubs ia e fallava...
La no senado mudava
Um rusguento em consultor...
A muitos satisfazia...
Aos outros...só promettia...
Que finorio de valor!

Finalmente o meu compadre,
E teu padrinho, rapaz,
Para um brilhante renome
Não precisa fazer mais;
Assim pois o teu futuro
Causa inveja...estás seguro
Nas azas do patronato;
Em quanto a mim...me contento.
Em dizer—o tal portento
E' meu compadre...de facto,

O meu compadre é ministro...

Figurão!

E que ministro! E' padrinho
Do meu João.

(Ext.)

O BRASILEIRO PRESIONEIRO NO PARAGUAY.

«Sou das phalanges que vos trazem guerra,
«Por fado infando entre vos cahi.
«Servis cadeias não me algemem pulsos
«Votae-me a morte—vossa lei compri—
«Viver não sabe co' as imigas hostes,
«Quem livre a fronte nunca ao chão rojou:
«Rasgae-me o peito que doei a patria,
«Não saiba o mundo que jamais pulsou.
«Curvar-se ao torpe, que lhe cospe a face,
«E' ser escravo, não ser cidadão:
«Morrer co'migo só diz—liberdade—
«Viver com vosco só diz—servidão!
«Quando insepulto sobre a lama impura
«Jazer meu corpo nesta solidão,
«Passando o indio, chorará tal morte,
«Oppobrio eterno da mais vil nação!
«Assim fallava, quando o rei das hostes
«Deu-lhe sentença entre mil festins,
«Leão dos bosques, que perdeu seu bando,
«Cedeu exangue entre os vis mastins!

J. Lopes R. do Bilhar

Capitão, ja leu o *Correio Mercantil*
de 15 de julho?

—Ainda não; porque?

—Ora, então não sabe da grande no-
vidade do dia; ignora que está salva a
patria.

— Já que não li, diga-me o que ha.

— Ah! vai tudo:

O capitão deve saber que, segundo os calculos do ministro da fazenda, temos ante nós o *lisongeiro futuro de um deficit* de setenta e dous mil contos no fim de 1867.

Pois bem; trata-se de remediar esse mal — no senado — e o Sr. visconde de Jequitinhonha, depois de fallar em *reformas da Constituição*, usano como Archimedes ao bradar — *Eureka* — propõe no senado mais dous impostos, dous sós — capitão, e está tudo remediado.

— Então, viva o visconde de Jequitinhonha!

— Capitão! . . .

— O que ha?

— V. Ex. é patriota?

— Julgo que sim.

— Pois olhe; não parece.

— Como?

— Pois, capitão, não bastam os impostos que pesam sobre esse infeliz povo? Não bastam essas caudas do seu suor, que todos os dias vertem no insaciavel sorvedouro do Rio de Janeiro — o trabalho do artista, do industrial e do lavrador; as economias do logista, do negociante e jornaleiro; as reservas do pobre e os lucros do rico?

Não bastam os impostos, que pagamos diariamente — pelo pão, pela carne, pelo vinho que consumimos; pela cama em que nos deitamos, pelo tecto sob que dormimos, pelas vestes que nos abrigam das intemperies do tempo e até pelo ar que respiramos? Não basta, alem de tudo isso, o que gastamos com os serviços da guarda nacional, do accio, das commissões, dos recrutamentos, &?

— Pois, si é preciso mais dinheiro, aonde hade o ministro da fazenda tiral-o?

— Aonde? Eu lhe digo, capitão.

Deve tiral-o nas algibeiras dos delapidadores dos cofres publicos, dos ladrões do suor do povo — personagens, que lhe devem ser muito bem conhecidos.

Diga-me cá:

Quanto ganha o imperador por anno?

A imperatriz?

As princezas?

Os principes?

Os marechaes do exercito?

Os senadores?

Os deputados geraes?

Os provinciaes?

Os presidentes?

Os generaes em disponibilidade?

E mais de 12 mil empregados publicos de primeira ordem?

Que somma dariam essas quantias, si os que as fruem, appellando para os nobres stimulos do patriotismo, que sabem tão bem *minerar* no coração do povo, do *tolo* do povo, renunciassem ao todo, ou, ao menos, a parte desses gordos vencimentos, que destructam em santa paz de espirito, accumulando muitos, tres e quatro ordenados, emquanto os pobres, os que trabalham hoje para comerem amanha, pagam o duplo imposto de seu suor e de seu sangue? . . .

Mais dous impostos! . . . Um de 10\$ rs. sobre cada pessoa annualmente, e que dará — calculando com 4,000,000 de almas — 80 mil contos em dous annos. Outro imposto de dous e meio por cento sobre lucros superiores a 2:000,000 de rs!

Com effeito, é corajoso o Sr. visconde de Jequitinhonha! Tão corajoso, que encara sem abalo as extorsões doridas desse *pobre gigante* da America do Sul!

Tão corajoso, que crava-lhe ainda mais fundo o punhal das agonias intimas!

Tão corajoso, que, impavido, vendolhe mirrada e vasia a bolsa da tão gabada riqueza — volta-se para os seus amavois collegas, e lhes diz, com toda a calma, pouco mais ou menos, isso:

«Vós sois uns tolos! Choraes a falta de dinheiro?

Pois nas veias do imperio não ha mais sangue?

Invoquemos o soccorro dos *alchimistas politicos*, mandemos cristalisar-lhe esse sangue, e teremos ouro a farta! Si as veias esgotarem-se, vamos ás arterias, é quando estas tambem nada

mais tiverem, resta-nos ainda o coração!»

— Oh!

— Admirai-vos, capitão? Pois é assim que traduzo a proposta do Sr. visconde; é assim que eu comprehendo o projecto que elle — apresentou, *mas não propoz ao senado, porque não permite a Constituição a este a iniciativa nos impostos*: artigo que o Sr. visconde reprova e quer reformar.

E ha de se fazer o que elle diz e ha de se esgotar ainda esse meio.

Tem razão, Sr. visconde de Jequinhonha.

Tem razão.

Viva V. Ex. e a politica dos nossos estadistas. Impostos, impostos e terão cumprido o *desideratum de providencia*, que eneherga mais longe que V. Ex., eu e o povo.

— Basta.

O LUXO.

Aquelle que ama o dinheiro e o luxo, lançando vistas avidas sobre uma peça de ouro, é indigno de dar leis ao seu paiz.

(Prop. 38 da Propaganda.)

I.

O luxo, como implacavel inimigo da honestidade, é um manancial fecundo dos vicios mais asquerosos, dos mais abominaveis crimes.

Quando fosse verdadeira essa tão perneciosa como sophistica distincção entre honra publica e honra particular, quando outra prova não houvesse da impossibilidade da virtude civica com exclusão da individualidade; as consoquencias do luxo seriam bastantes para demonstral-a.

II.

Vistes ha pouco, o operario honesto que vivia do suor do seu rosto, que guardava zelosamente no fundo do coração os principios da religião e da moral, que reflectiam em todos os seus actos? A sua casa era asylo de paz e tranquillidade; a economia dirigia as suas despezas quotidianas; senão gozava da abundancia, tambem não co-

nhecia a miseria. Mas a serpente da vaidade mordeu-lhe um dia o coração: o operario deixou se filludir pelo demonio do luxo, que, envolto em brocados, metten-lhe pela porta a dentro a indignidade e a penuria. O vestido da galla da esposa, a casaca dos filhos, a mobilia da sala representam a somma dos salarios rebatidos, depois as dividas, e muitas vezes a infamia, até que desaparecem varridos por uma penhora.

III.

Era Pedro um negociante honrado. A probidade escrevia os seus livros e media a sua fazenda. Sobravam-lhe os lucros, e ja um bom capital emancipava o seu credito. Recolhido com os seus, encontrava no cumprimento dos deveres domesticos a consolação, o refrigerio e recreio indispensaveis à insipidez e actividade de suas lidas commerciaes. Nas horas de descanço e distração familiar, gosava d'esse prazer puro e tranquillo que illumina o espirito sem o deslunbrar, e todos os dias mais augmentava o amor dos filhos e da esposa no coração do verdadeiro pae de familia. Pedro era feliz: mas em um dia maldicto, acorda fulminado pelo desejo do luxo, leva o cofre do seu capital á primeira casa de modas, barateia o credito para renovar as pompas, de credor passa a devedor, e do devedor a caloteiro; finalmente de negociante passa a trapeiro, porque tudo quanto tinha está reduzido a trapos. E quando isto deixa de acontecer, é para dar-se cousa ainda muito peor. O homem honesto torna-se máo homem da época, isto é um desses individuos de tacto fino, que sabem *arranjar a vida*, e em pouco tempo, por mysterioso influxo de sua venturosa estrella, ajuntam fabulosos cabedaes. Mas desgraçadamente ninguem ignora a influencia fatal d'esses meteoros do crime, que deixam sempre após si cupiosas chuvas de lagrimas. O roubo, a velhacada, a moeda falsa, as quebras fraudulentas marcam sempre o seu nascente e o seu accaso.

(Continúa.)

A PEDIBO.

O Valete de Copas—natural das Caldas.

(Continuação.)

«Poz-se o sol: a luz do dia pouco a pouca se desmaia, succedendo-lhe uma feia sombra e o pardó véu da noite estendendo-se pelo ar toldando-o de plumbeas nuvens.

Em uma casa terrea na rua de *Cima* vão entrando indistinctamente individuos de diversas cataduras.

«A noite tornou-se negra: a chuva cahe a cantaros: a rua de *Cima* esta deserta e apenas em uma casa, que chamaremos o *Recinto de Lucifer*, ouve-se de vez em quanto vozes alternadas.

Quem atravessasse por ao pé do *Recinto de Lucifer*, ouviria de envolta com os rumurejar das goteiras, o tinir de um som metallico, e uma ou outra imprecação atroz acompanhada de alguma gargalhada stridente: eram dous extremos o desespero dos que perdiam, o prazer dos que ganhavam.

Pela madrugada findou o jogo.

A banca tinha limpado todos os pontos.

E tu, Valete de Copas, espreguiçando te no teu sophá, olhavas com satânico sorriso para o montão de ouro que sobre a mesa te haviam deixado os incautos.

Aquelles rostos esqualidos e desfeitos, por uma noite perdida, commeceram a sahir aos cardumes e tu impaciente esperavas, que se retirasse o ultimo para a tua vontade saboreares o fructo de tua voracidade.

Entre o grupo que por ultimos sahiu destacou-se um vulto que tomou o caminho da rua da *Ternura*.

Quando achou-se so, entrou a exclamar:

«Meu Deus! Meu Deus! a que abysmo me levou o jogo!

«Não tenho mais o que perder!

«O medalhão que encerrava o retrato de minha mãe, arranquei-o do peçoço de meu filho e vendi para jogar.

«Minha vida, tem sido de longos erros e até de crimes.

«Deixei minha mãe moribunda, na hora em que ia receber o Sagrado Viatico, para ir afferrar-me no jogo.

«Para cumulo de minha desgraça amei uma mulher perdida.

«A mola real da mulher corrupta—é o ouro.

«A sensualidade acompanha-o de perto; a vaidade é por elle suplantada por que presuppõe ainda algum sentimento, e o seculo é das mulheres de lodo vasado em cadinho de ouro.

«Bebi e joguei muito; para o meu estado era indispensavel a embriaguez.

«Embriaguez dos sentidos, embriaguez da razão, entorpecimento de toda a consciencia.

«Houve trevas completas da honra, da virtude, da dignidade.

«Era hediondo o meu aspecto, cheguei até a furtar para jogar!

«Um dia, quando não tinha dinheiro, fui sacrilegamente roubar o collar da Santa Virgem, para jogar.....»

Assim lamentou-se o infeliz até chegar a porta de casa.

E somente tu, Valete de Copas, eras o causador de tantas desgraças.

Agora a tua historia.

(Continua.)

MOTTE.

*A moça que tem dinheiro
Não falta com quem casar.*

GLOZA.

E' formosa, e tem bom cheiro
Inda sendo uma cadella,
Aos olhos do povo é bella
A moça que tem dinheiro:
Tem sempre o logar primeiro
Si nos bailes vae dançar,
A ella não falta par
Pelintras, caixeiros, bobos,
E' qual ovelha entre lobos,
Não falta com quem casar.

VARIÉDADES

LADAINHA.

DOS RAPASES QUE DESEJAM TOMAR ESTABO.

(Com dote.)

S. Higyno,

Muda-me o destino;

S. Bento,
 Com rico casamento.
 Santa Emilia,
 Que quero ter familia.
 Santa Florinda,
 Dá-me uma moça linda;
 S. Barnabé.
 Que não direi quem è:
 S. Isidoro,
 A quem não amo, adoro.
 S. Vicente Ferrer,
 Porem o pae não quer;
 Santa Benedicta,
 Que moça tão bonita!
 Santa Rosa de Lima,
 E ella assaz me estima,
 Santa Ignez,
 Si bem que mais a trez:
 S. Braz,
 A quem dá sota e az:
 S. Thomé,
 Porem eu sei quem è;
 S. Fidelis,
 O mais querido d'elles,
 S. Bartolhomeu,
 Pois creio que sou eu:
 Santa Felicidade,
 Do pae muda a vontade,
 Santa Jacintha,
 Dá que elle consinta:
 S. Pantaleão,
 Em a nossa união:
 S. Basileu,
 Ou da então que eu:
 Santa Catharina,
 Encontre outra menina:
 Santa Gabriella
 Tão rica como aquella:
 S. Benjamin,
 E que seu pai enfim,
 Santa Petronilha,
 Me queira dar a filha:
 S. Bernadote,
 E tambem o seu dote.
 S. Estanislau,
 Que seja menos mau;
 S. Ludgero,
 E tudo quanto espero,
 Santa Constança
 Com fé, com esperança,
 Santa Irem,
 Agora e sempre. Amem!

BONS DITOS.

—Gosto dos homens, dizia uma moreninha de muito espirito e talento, não por serem homens, mas por não serem mulheres.

—Ha de tudo, disse uma senhora de idade, que escutava a conversação.

—Quantos annos tem?

—Não sei bem, mas devo estar entre os trinta e oito e os quarenta e oito.

—Ora essa! Pois não sabe com mais exactidão a sua idade?

—Não: e acho que não ha nada mais natural: eu conto os meus rendimentos, as minhas cabeças de gado, o meu dinheiro; mas os meus annos, é cousas que não conto muito, por que sei que não hei-de perder nenhum, nem ninguem me roubará nenhum.

Uma senhora de quarenta annos querendo passar por mocinha, dizia a um sujeito: «Eu só tenho vinte e cinco annos.» Ao que elle respondeu: «Isso não é novo para mim, pois ha quinze annos que me repetis a mesma cousa.»

Govavam em presença de Luiz XI um magnifico hospital, que um ministro, conhecido por suas violencias e rapinas, tinha mandado edificar:

—Elle não fez mais que o seu dever, respondeu este principe, é bem justo que tendo feito tantos pobres durante sua vida, lhes desse uma habitação depois de sua morte.

Um individuo, vendo um homem que atirava á pistola com pouca destreza, foi sentar-se perto do alvo.

Perguntando-se-lhe a razão porque fizera isso, respondeu:

—E' porque tenho medo que a bala me alcance.

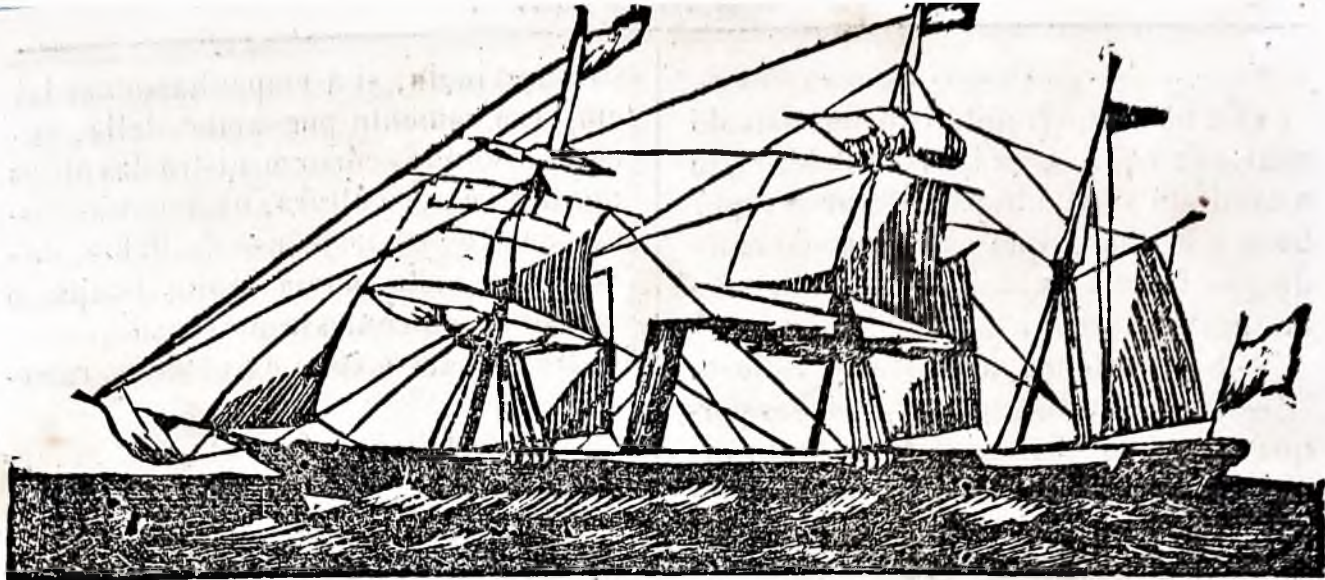
ANNUNCIO.

Nesta typographia se dirá quem compra um sellim ja usado.

Grande Pexinxa.

Quem tiver vontade e dinheiro aproveite a occasião: vende-se por um conto de reis, quatro moradas de cazas, sitas em um terreno proprio, com vinte braças de frente, e mais de oitenta de fundo, ao Mata-tu grande: quem quizer comprar dirija-se a loja n° 59 na ladeira da Fonte dos Padres para tratar.

Foi achada e existe depositada na subdelegacia da freguezia da Sé uma carta para a Sra. D. Ignez Maria da Guia remettido pelo tenente do 32 de voluntario Antonio Joaquim de Magalhães, para ser procurada por quem tiver direito á ella.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

25 DE JULHO DE 1867.

SERIE 24.^a—N. 235.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia do Pilar, pedindo-lhe que lance suas vistas para o pessimo comportamento de umas mulheres *da vida*, moradoras á rua do Julião n.^o 11 e dê providencias para que essas *cafuzas* não continuem tão desregradamente a insultar a mortalidade publica.

— O presidente lê ou não lê o *Alabama*?

— Lê

— Tem certeza?

— Affirmo.

— E como o ajudante de ordens se recusou a receber a folha?

— Eu sei la!

— Mostrando até uma lista das gazetas, que S. Ex. se dignava aceitar?

— São cousas.

A prova de que elle lê está aqui no *Diario*:

« PRESIDENCIA DA PROVINCIA.

Expediente do dia 18 de Julho.

« Ao commandante do corpo provi-

sorio de policia. — Remetto a Vm. o incluso exemplar do periodico *Alabama*, desta data, para que me informe com urgencia acerca do que o mesmo, na sua primeira columna, trata, em relação a um official desse corpo. »

— Capitão, eis aqui porque estamos sempre desmanchando hoje o que fizemos hontem, fazendo hoje para desfazer amanha.

— O que temos?

— E' a questão do vapor para o alto S. Francisco, é o ministro da agricultura, que declãra mui positivamente no senado que não aprova o meio de transporte adoptado pelo Sr. Leão Velloso.

— Onde está isso?

— Aqui no *Correio Mercantil*.

Faça o favor de escutar-me:

« Sinto, Sr. presidente, e sinto muito, quo, ausentando-me da Bahia, o transporte do vapor não tenha sido feito, como me parecia mais acertado. Parece-me (sem que nisto vá a menor sombra de desvanecimento) que, si ali me achasse, o vapor ja estaria no rio de S. Francisco, ainda quando fosse necessario eu mesmo acompanhá-lo até lá. »

«.....»
 «Eu não digo (repito isto em vista do aparte do nobre senador pela Bahia) que o camiuhô adoptado para levar o vapor fosse o melhor, que os meios de conducção fossom os melhores, d'ahi não me provem responsabilidade:.....»

—E' a sentença do Sr. Leão Velloso.

—Certamente, capitão. E sabes porque tudo isso? Sabeis porque tanto dinheiro gasto no transporte de machinas, que chegarão a seu destino inutilizadas pela ferrugem?

Porque no Brasil não se ouve a voz da imprensa, não se attende á opinião publica, não se consulta interesses geraes, porem individuaes.

—E' porque aqui não se faz como na Inglaterra.

—Como é que se faz na Inglaterra?

—Quando o governo quer metter mãos a alguma empresa importante para os interesses do paiz, maeda imprimir e pregar pelas esquinas o seu projecto, e vae ler no outro dia, nos órgãos da publicidade de todos os partidos, a opinião do povo inglez, dos profissionais, dos capitalistas, dos escriptores e dos praticos; para regular seu procedimento pelo sentimento da maioria.

—.....mas isto é la.

—E porque não faremos o mesmo aqui?

—Isso agora é com os Srs. Dantas e Velloso.

—O Sr. Dantas e o Sr. Velloso....

O Sr. Dantas, o mesmo, que destroe o bom effeito das suas palavras que citamos, dizendo no mesmo discurso:... «não me peza ter envolvido a minha provincia n'esta despeza, nenhum remorso me fica!.....»

Não lhe peza ter gasto, sem authorisação da assemblêa provincial, uma porção de contos de reis na compra de um vapor; outro tanto ou mais ainda no seu transporte! E para que tudo isso? Para ficarmos como d'antes ou peor ainda—sem vapor, nem dinheiro, sem boi nem vacca; como diz o povo!

«...d'ahi não me fica responsabilidade.....!»

Entretanto, si o Sr. Dantas amasso a

sua provincia, si a empenhasse em tal empreza somente por amor della, acompanhando, como ministro das obras publicas o agricultura, os debates d'essa questão na imprensa da Bahia, deveria ter visto, havia muito tempo, o que só agora confessa no senado.

Deveria tel-o visto e tratado de remediar.

Mas desfeitear o Sr. Velloso!...Zangar o Sr. Sento-Sé! *Vade retro!!!*

O Sr. Velloso! Que prefere o contracto do Sr. Sento-Sé a outros muitos mais vantajosos, entre os quaes havia um, que se obrigava a fazer o transporte por VINTE e tantos contos de reis!

—Mas os resultados.....

—Os resultados hão de ser os que eu ja disse: alguns ferros velhos espalhados desde Alagoinhas até o Joazeiro, e muitas centenas de contos de reis de menos nos nossos cofres.

—Vossê hoje está embirrando.

—Confesso, capitão, que o estou um pouco. Mas que quer? Não posso ver impassivel essas e outras—o suor do povo esbanjado inutilmente, as suas aspirações verdadeiras escarnecidas e votadas ao olvido, a sua opinião tomada em conta de cifra, e os homens do poder comprando chacaras, passeiando na Europa, tomando banhos thermaes e divertindo-se. E' porque não posso ver sem indignar-me a marcha, que levam os nossos negocios, o descredito progressivo do Imperio, o abatimento de nossa dignidade; o desmazel-o do poder, e a inepecia dos homens que o compõem.

Oh! Capitão, si eu fosse o Imperador!

—O que faria?

—Agarrava toda essa corja e enviava a tomar ares em S. Fernando com a calceta ao pé.

—Isso é com o Sr. Bibiano Gonzaga.

—Isto é que se chama amolar a faca no curral do cavallo para matar o boi!

—Ditados capadoçes!

—Que servem.

Eu nunca havia de pensar que falando sobre uma *pechincha*, que houve outro dia em Latronopolis, iria des-

pertar suspeitas no Sr. administrador da mesa do rendas!

—Suspeitas de que?

—Não sei que *analogia* achou o homem no facto, que esticou os cordeis á gente de seu mando e o resultado, dizem-me, foi realmente apparecer um papel emendado.

—De veras?

—Estou sabendo agora mesmo.

—Eu faço ideia como não estarão apertados com o homem, que não é de graças.

—Consta-me que tem andado tudo da salla para a cosinha; até já ha gente multada.

—Si for exacto, é de esperar da circumspecção do Sr. Bruno, que não *vá pagar algum justo pelo peccador*.

—Quanto a isso descance.

—É até mesmo algum, que por acaso fosse victima de sua boa fé.

—Que coração de mulher!

—Que vibora!

—Qual?

—Esta, que mora aqui na rua d'Ajuda, vizinha do major Domingues Lopes.

—Qual o acto de crueldade que ella pratica?

—V. não está ouvindo estes pungentes gritos?

—Estou.

—Pois, meu amigo; é uma pobre creancinha de tres annos, orphan, que teve a infelicidade de cahir nas unhas dessa fera, que a castiga de bolos todos os dias, tanto que ella traz as mãos que fazem lastima se olhar.

—Coitadinha! Dirija-se ao juiz de orphan para ver si elle dá providencia a respeito.

—Vou ao subdelegado da Sé. Estou certo que, elle energico como é, não deixara ficar impune esta deshumana.

—Chegaram os officiaes da Sé.

—Isso é cousa tão antiga!

—Diga-me uma cousa.

—Si souber.

—Si o governo não precisava desses homens lá, para que lhes deu o encommodo de fazer uma viagem; ha-

vendo grande alarido contra os que não queriam ir?

—Para gastar com o transporte de cada um 600\$ rs., além d'ajuda do custo para compra de revolver, capote, etc.

—Bom!

E os tres mezses de soldo que o governo adiantou a cada official, quem perdeu?

—Boa pergunta! Quem ha de perder sinão a nação?

—Admiravel governo!

—Basta a ingratição que obraram com elles, depois que os mandaram embora, deixando-os fora de sua provincia á morrer á fome: houve official que vendeu a farda para comer no Rio.

—De um lado desperdicio, do outro má fé, ingratição!

E é para haver dinheiro para taes esbanjamentos que o Sr. Jequitinhonha quer que cada brasileiro pague 10\$ rs.

—E o Sr. Zacharias quer emittir 45,000:000\$ rs. de papel moeda.

—Como não estarão os moedeiros falsos a se regosijarem!

—Ora!

—Quantas encommendas não se estarão já fazendo!

—As encommendas chegam constantemente, independente disso

A prova está aqui na *Ordem*:

«

«Tambem o grande Manuel dos Santos Romano, dignissimo companheiro de Braga, dizem-me, que ha trez annos acham-se na alfandega da côrte 3 cestas vindas do Porto no navio *Africa*, que, por desconfianças foram examinadas, e achando-se-lhe moeda falsa, teve um socio dentro da alfandega que o avisou e elle consumiu a carta e conhecimento que acompanhava a *boa remessa* e lá ficaram as cestas na alfandega! Que corja de ladrões! . . . E como não serão assim si elles tem por si a policia e todas as authoridades d'esta terra do ladrões?»

—Eu não digo que na crise actual o governo não lance não de qualquer recurso extraordinario, lamento apenas que a incuria, a incapacidade e sobre

tudo a sordida ambição de nossos estadistas levasse o paiz á tão horrivel despenhadeiro.

A PEDIDO.

**Ao Exm. Sr. presidente da
provincia.**

Exm. Sr. — Convencido comêstamos, de que V. Ex. não desdenhará qualquer esclarecimento, que possa, de alguma forma, concorrer a tornar a administração de V. Ex. fertil de beneficos resultados, tomamos a liberdade de submeter á sua intelligente apreciação, a presente exposição, para a qual pedimos se digne prestar por um pouco a sua illustrada attenção.

Nem nos desanima a ideia propalada de que V. Ex. não quer ler gazetas pequenas, uma vez que temos visto V. Ex. providenciar sobre abusos que a imprensa, chamada miuda, tem denunciado.

E' por isso que muito de proposito escolhemos o *Alabama* para órgão destas mal traçadas linhas.

E somente stygmatisando os abusos, é que V. Ex. justificará o nome de administrador justiceiro e recto, cidadão honesto e circumspecto, e terá direito aos louvores e applausos do povo, louvores e applausos de que se deve ufanar de merecel-os, o funcionario publico, porque em sua linguagem rude exprimem um sentimento real, e são escoimados das lisonjas palacianas.

Si V. Ex. quizer escutar e providenciar, accrescentará mais um serviço aos que tem prestado á esta terra em sua curta administração.

Ouçã pois V. Ex.

Na praça, chamada hoje dos Veteranos, existiu uma capella sob a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, de propriedade nacional.

Tendo-se de encanar a rua da Valla, foi de necessidade fazer excavações nos terrenos adjacentes á referida capella, do que resultou ficarem os alicerces abalados e ameaçar ella desabar; em consequencia do que, foi na presidencia do Sr. conselheiro Sinimbú ordenado que fosse demolida, e de facto foi.

Os materias e utensis foram mandados depositar nos armazens da repartição de obras publicas.

A capella possuia tres sinos, que indubitavelmente deviam para ali entrar.

Mas, o caso é, que ninguem hoje sabe dizer o destino que tiveram, a excepção de um, que foi mandado para o cemiterio do Bom Jesus.

Já na presidencia do Sr. conselheiro Sá e Albuquerque os sinos não existiam no deposito, tanto que mandando elle que fossem para a capella do Senhor dos Milagres, ao largo do Paranhos, não appareceram.

No tempo em que a capella foi desmanchada, accumulava Lazaro da Silva Medões os logares de mestre geral e almoxarife da repartição das obras publicas, por ter o cidadão, que exercia este ultimo emprego, passado a occupar outro; e foi necessariamente elle, quem na qualidade de mestre da obra em desmancho, retirou os sinos da capella, e, como almoxarife os recolheu ao deposito.

A' vista do exposto, pede-se á V. Ex. que mande syndicar minuciosamente onde existem os mencionados sinos, e ouvir a supradita repartição; bem como ao referido Medões, si é exacto que em seu tempo foram elles transferidos para os ditos armazens, devendo elle provar com documentos que alli os recolheu, e a quem os entregou quando se retirou, afim de que a fazenda não venha a soffrer alguma lesão, mesmo podendo até acontecer que elles de bem guardados não appareçam, ou que tenham tido algum destino legal que se ignore.

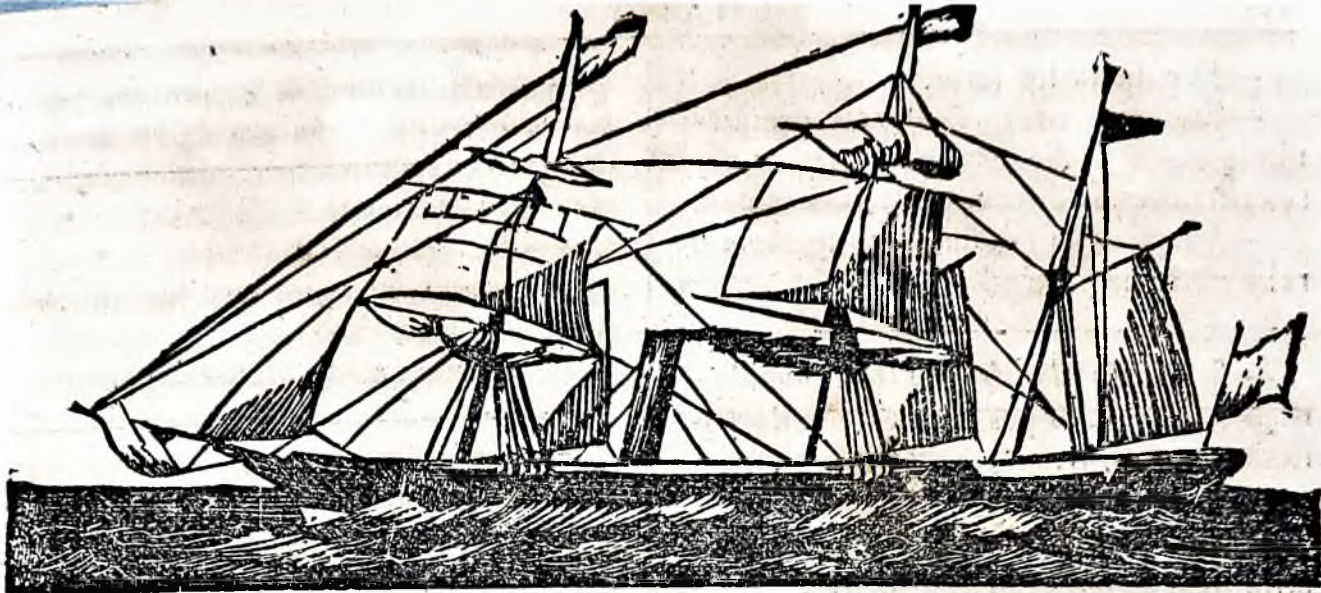
L. S. M.

ANNUNCIOS

Nesta typographia se dirá quem compra o Dicionario de Synonimos em segunda mão.

Nesta typographia se dirá quem compra um sellim ja usado.

Breve sahirá á luz, a nova modinha intitulado — *O beijo de amor.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

27 DE JULHO DE 1867.

SERIE 24.^a—N. 236.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de julho de 1867.

Officio á Illma. gerencia da Companhia de Vehiculos Economicos, dizendo-lhe que, no interesse da moralidade e bom regimen dessa empreza, convém que sejam dadas providencias, afim de que os bolecios da mesma não continuem, á noite, á dirigir da porta da cocheira á rua de Baixo ditos indecentes ás mulheres que passam.

Os falsificadores de café estão com diploma de matadores do povo.

— Quem lhes deu?

— A camara.

— Deixe-se de invenções!

— Ha uma decisão della dizendo— que não é crime falsificar o café, com tanto que na lata onde se venda, tenha o letreiro *café misturado*:

— Nada mais justo

— V. comprehende o alcance desta authorisação?

O falsificador lançará mão da farinha, do feijão podre e de quanto caro-

ço nocivo ha e que pela barateza possa ser misturado, e muito á seu salvo o empurrará ao povo.

— Os fiscaes estão ahí.

— A authorisação é lata. Exige a declaração de que o genero é misturado, mas não quer saber a qualidade da mistura.

— Pois olhe: entre os vereadores ha medico, e si a cousa fosse perigosa estou que não consentiria nella.

— Isso seria, si a saude do povo não fosse olhada como cousa secundaria a outras que eu sei.

E depois semelhante authorisação é illegal por ser contra a postura n.^o 20 que diz assim:

«Toda a pessoa, que tiver em sua caza de mercado generos avariados ou VICIADOS, assim como quem os vender pelas ruas, será condemnado, no 1.^o caso em 10\$000 ou 5 dias de prisão, e no 2.^o em 4\$000 ou 8 dias de prisão; o dobro nas reincidencias.»

— Agora la isso, o Srs. Drs. Pereira de Albuquerque e Silva e Almeida, como jurisconsultos que lhe responda.

— S. Ex. o Sr. arcebispo acaba de fulminar o spiritismo.

— Já o devia ter feito.

— Expediu uma Pastoral premunindo aos seus diocesanos contra os erros perniciosos dessas perigosas ideias.

— Agora os spiritistas, que mettam o rabo entre as pernas.

— O *Diario da Bahia* faz considerações acerca do pessimo estado da policia na capital.

— Serve.

— E attribue esse inconveniente, á falta de pessoal principalmente.

— E' pura verdade.

— Conclue, aconselhando a necessidade de augmental-o.

— Concorde.

— Devia tambem dizer que, alem dos soldados serem poucos, andam espalhados, servindo a muita gente.

— Para que um soldado, por exemplo, na porta do theatro ás ordens do empresario?

— Para prevenir que algum desalmado vá fazer travessuras lá dentro.

— Ah! . . .

— Bê . . .

— Pois, como esse, ha muitos por ahí, servindo até de mercurios de authoridades, que mandam buscar por ordem gente, com que se possam entreter.

— Cataclysmas! cataclysmas!

— Que espantalho é esse, rapaz?

— Sarceiro pelo alto.

— Antes fosse *la em baixo*.

— Nada de galhofas.

— Mas o que é?

— Um eclipse.

— Ora essa!

Do sol ou da lua?

— Da lua.

— Total?

— Não, parcial.

— Onde é visivel?

— Na ilha de *Carvalho*.

— As folhinhas não marcam.

— Foi cousa inesperada

Um choque repentino da lua com o satellite *Felisberta* em sua ascendencia.

— Ora tome . . . para seus eclipses inesperados.

— A tribusana é tamanha em porto *Guindaste* que os *padres* estão na rua em numero de vinte oito a fazer penitencia, de cruz alçada.

— Por la se acabe.

— Houve um *aguaceiro* horribilissimo.

— Submergiu-se algum logar?

— Não.

— E então?

— Mas a chuva em vez de ser de pedra foi de pau.

— E V. cá ja sabe de tudo isso.

— Presenciei do observatorio.

— Pois vá observar o fim e venha me dizer.

— *Thalia* emprestou seu leito a *Marle*.

O tablado converteu-se em tenda?

— Não me encalife.

O piquete é reforçado, os bastidores passam a deposito de artigos bellicos, os soldados vão municiados e esperam a voz de fogo do commandante.

— Explique essa *Quixotada*.

— Não me esteja a enguiçar as ideias.

As authoridades estao de prevenção para abafarem, á primeira demonstração, o tumulto phantasiado.

— Ah! isso é negocio de *partidos*; eu julgava que era *no theatro*!

— Não quer me deixar fallar?

Pois eu não estou como certa gente para sustentar caprichos tollos e satisfazer paixões de bastidores.

O LUXO.

Aquelle que ama o dinheiro e o luxo, lançando vistas avidas sobre uma peça de ouro, é indigno de dar leis ao seu paiz.

(*Prop. 58 da Propaganda.*)

IV.

Era Paulo excellente magistrado. A razão, a justiça e verdade tinham n'elle um lidador incansavel em defesa de seus direitos; com o pouco que tinha passava decentemente, porque se contentava com o necessario e desprezava o superfluo. Uma paixão insensata acordou-lhe o desejo de figurar. Bem

depressa os principios da san moral fraqueiam no seu espirito, porque para sustental o é necessario matar a hydra esfaimada do luxo; eil-o que vai á banca do potentado fazer leilão da justiça, eil-o que vae a mesa do jogo arriscar o fructo de suas lucubrações.

Sacrilego da intelligencia, despe d'alma a tégua da dignidade, e torna-se instrumento de todas as vinganças, serpente de todos os odios; rouba o direito á fazenda e á justiça, fêre as cegas, sem encarar a victima, guardando a profundidade de seus golpes, pelo peso da bolça que lhe pagam. Insensivel a todas as infamias, passa, entretanto, muito satisfeito, porque tem o seu guarda-roupa bem fornecido, excellente mesa, e uma casa esplendida. O desgraçado nem conhece que ainda sendo um palacio a sua morada, não passa de uma caverna asquerosa, porque elle tambem não passa de um verme venenoso e nauseabundo.

V.

Não innumeraremos mais exemplos. Ninguém ignora quantas vezes trafica o juiz com a lei escripta, prevarica o empregado publico, torna-se o ministro concussionario, vende o cidadão o seu voto, vende o sacerdote os sacramentos, a mulher a honra. . . Não façamos corar a modestia com a exposição completa das transações tenebrosas, que tantas vezes se effectuam, com a mira em sordidos interesses, assim de que se possa apresentar o espectáculo impostor de uma riqueza aparente. Si nem todos conhecem semelhantes miserias, ellas estão na memoria da maior parte da população, protestando um brado contra a influencia do luxo.

VI.

Os leitores acostumados a simples polemicas nas folhas, que se dizem politicas, estranharão por certo o caracter e collocação d'este artigo. Com effeito esta fóra um pouco do estylo usual. Para justificar-o, porém, repetiremos o que está no nosso programma—nosso partido é o bem de nossa terra.

Assim de alcançal-o combateremos da tribuna da imprensa tudo que

for infenso á terra que nos viu nascer, quer individual, quer collectivamente considerada. Não nos contentaremos simplesmente com atirar sobre aquelles que, da eupula da sociedade nos apredejam; muitas vezes desceremos ás ultimas pedras de sua base, para entulhar a mina que tendo a desmoral-a. E' da maior utilidade para a liberdade de um povo a correção de seus vicios. Um povo vicioso é sempre escravo, porque a escravidão é muitas vezes o primeiro castigo de Deus.

LA VAE VERSO.

Pelo signal.

O nosso imperio vae mal
Em poder dos *progressistas*,
Que se guiam da moeda

Pelo signal.

E' preciso termos luz
Para poder encher gar
Os tratantes ratoneiros

De Santa Cruz.

Que continuem sandeus
A governar nossa terra,
Com leis filhas do capricho,
Livre-nos Deus.

Rufa a caixa, oh! tambor,
Ahi vem os *progressistas*,
Proclamando o monarcha
Nosso senhor.

Té na medulla dos ossos
Levem mil sovas de ortiga
Por não cumprirem os votos
Dos nossos.

De tão enormes perigos
Pretendo eu me salvar,
Acabando com os meus
Inimigos.

O povo desmaia e cae,
Pois que mais sangue não tem,
Busca a salvação e ora
Em nome do pae.

O fidalgo maltrapilho,
Que o suor do pobre rouba,
E' para encher a barriga
Do filho.

Quando vejo em algum canto,
Se fallar em presidencia,

Sei que é para algum menino
Do *Espirito Santo*.

Voluntarios andam nús,
Mendigando a charidade
E. . . . promessas do governo. . . .
Amen Jesus.

A PEDIDO.

— Meu guapo official, V. é o rei dos alferes.

— Quem dera!

— Asseguro-lhe.

— Mas eu não creio. Quem vive ás ordens de outro, pode lá ser rei? . . .

— E então? Já não é alguma coisa estar ajudando o governador na sua ardua tarefa?

— O que se aproveita? lambujes. . . .

— E é pouco? aproveitar os restos da meza. . . .

— Quando eu estava na fileira era melhor.

— E porque se empenhou para ter o logar?

— Para desarranjar o que estava.

— Tem mau genio!

— Quando estava na fileira apparecia de vez em quando um destacamento onde a gente podia metter os ganhos.

— Bem como aquelle, que para V. foi uma mina.

— O do Rio?

— Sim. Que V. fez contas de gran capitão com os soldados.

— Pequenos arranjos!

Tambem, soldado naquella terra, para que quer dinheiros?

— Bello! Como vento sem duvida.

— Com uma pataca tem-se um bahu de feijão, com seis vintens uma libra de toucinho de palmo de altura; bem vê que n'uma terra destas, com qualquer cousa se passa.

— E como arranjava V. essa gymnastica?

— Engambelava os rapazes com dous ou tres mil rs.

— V. sempre mostra que foi menino capoeira!

Ainda me lembro daquella falcatrua que V. fez, no tempo de sargento.

— Qual?

— Aquelle caixão que V. arrombou com tanta destreza, para bisar os seis capotes.

— Isso foi *in illo tempore*.

— V. ainda tem daquellas cedulas de 20\$ rs?

— Aquellas verdadeiras?

— Sim.

— Qual; acabei com isso.

— Porque?

— O negocio ia me sahindo caro; ainda existe no quartel uma ordem do dia á respeito.

— Tambem V. sem escrupulo mandava trocar pelos guardas.

— Mandava, porque tambem me mandavam.

— Quem lhe mandava?

— Lá isso é segredo.

— Ah! policia de minha terra.

— A policia é de casa.

(*Continúa.*)

Pergunta-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, si um subdelegado depois de dar ordem de prisão a um individuo, poderá insultal-o asperamente na rua por patife e outros termos semelhantes?

Si não é de lei, o que isto pratica desconhece o logar e é um insolente e estúpido.

Si não houver resposta, prometto por S. Jorge que continuarei.

O offendido.

ANNUNCIOS

Domingo 28 do corrente celebra se na matriz de Sant'Anna a festa da mesma Senhora com grande pompa. A' noite haverá um esplendido fogo de planta.

Grande pexinxa.

Quem tiver vontade e diubeiro aproveite a occasião: vende-se por um conto de reis, quatro moradas de cazas, sitas em um terreno proprio, com vinte braças de frente, e mais de oitenta de fundo, ao Mata-tu grande: quem quizer comprar dirija-se á loja n° 59 na ladeira da Fonte dos Padres, para tratar.